

ADRIANA ZANIRATO CONTINI

**O GÊNERO ILEX: ALTERNATIVAS DE
SUSTENTABILIDADE NO USO DE ETNOESPÉCIES PELOS
KAIOWÁ E GUARANI EM MATO GROSSO DO SUL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
- MESTRADO ACADÊMICO –
CAMPO GRANDE
2006**

ADRIANA ZANIRATO CONTINI

**O GÊNERO ILEX: ALTERNATIVAS DE
SUSTENTABILIDADE NO USO DE ETNOESPÉCIES PELOS
KAIOWÁ E GUARANI EM MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada à Banca de Exame Geral do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico, como avaliação parcial para a obtenção do título de Mestre, sob orientação do Prof. Dr. Reginaldo Brito da Costa.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
- MESTRADO ACADÊMICO –
CAMPO GRANDE
2006**

“Há campos do saber nos quais precisamos ser políglotas.”

Pe. Bartolomeu Melià

BANCA EXAMINADORA

Orientador – Prof. Dr. Reginaldo Brito da Costa
Universidade Católica Dom Bosco

Prof. Dr. Antônio J. Brand
Universidade Católica Dom Bosco

Prof. Dr. José Franklin Chichorro
Universidade Federal de Mato Grosso

DEDICATÓRIA

... a meu filho Alexandre.

... e a seu pai, que certamente teria alcançado essa mesma vitória, se tivesse tido tempo...

... a meus pais, doutores na vida...

... às minhas irmãs, tios, tias, primas, primos, cunhado...

... aos companheiros de luta do Programa K/G...

... ao povo Kaiowá e Guarani, meus amigos!

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento mais difícil de um trabalho.

E não seria correto me dirigir a qualquer pessoa antes de demonstrar minha imensa gratidão ao nosso amantíssimo Pai Celestial.

A Ele que agradeço pela força para perseguir o ideal de ingressar no mestrado, com o objetivo de ter maiores possibilidades de proporcionar mais qualidade à vida de minha família...

A Ele agradeço pelo apoio que recebi, principalmente de meus pais queridos.

A Ele sou grata pela paciência do meu filho diante da minha ausência... por seus beijos carinhosos, por seus olhares compreensivos, por sua prontidão em me ajudar nos longos períodos de estudo, por seu amor incondicional!

A Ele devo a confiança do Prof. Reginaldo, desde o primeiro semestre de 2000, quando no início do curso de Biologia, lhe entreguei meu primeiro projeto. Hoje, sou muito rica, pois pude contar com seus conselhos. Cresci profissional e pessoalmente sob suas orientações, num trabalho quase que diário. Aprendi, dentre outras coisas, que a tarefa da construção do conhecimento é otimizada com parcerias, e que, com companheirismo, os esforços para alcançar o sucesso não pesam aos ombros. Sinto-me extremamente honrada por sua verdadeira amizade!

Sou grata pelos companheiros do Programa Kaiowá/Guarani, que me acolheram, me incluíram, e permitiram que eu pudesse “viver” a realidade indígena. Eu não teria condições de escrever uma linha sequer, sem as experiências que vivemos juntos.

Agradeço ao nosso Senhor, pela bolsa CAPES, sem a qual minha permanência no Programa teria sido dolorida, e até impossível.

Agradeço ao bondoso Pai, por todos aqueles que estiveram comigo, deixando um pouco de seu perfume... Dos doutores às amigas da limpeza, todos a seu modo, contribuíram para a minha jornada.

Sou especialmente grata pelo amigo Flávio Luiz Hilário Rego. Seu apoio, fidelidade e incentivo foram fundamentais, mas sua influência foi muito além disso. Foi esse meu grande amigo que me apresentou ao Nosso Senhor.

RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar o papel etnobotânico de espécies do gênero *Ilex* no cotidiano dos índios Kaiowá e Guarani da Reserva Indígena de Caarapó, Mato Grosso do Sul. Pontuar os sinais indicativos de desenvolvimento ao longo de sua história, embasarão as sinalizações para desencadeamento do processo de desenvolvimento local desses povos, a partir do material botânico nativo em foco, também objetivo desta pesquisa. No primeiro capítulo, realizou-se uma contextualização histórica da *Ilex paraguariensis* St. Hil., a erva-mate, a espécie mais utilizada do gênero pelos Kaiowá e Guarani; buscou-se, assim, delinear o papel desta espécie nos processos ocorridos, inclusive no concernente à colonização do sul do Estado. O segundo capítulo traz uma descrição física - clima, solo, relevo, vegetação - da área estudada, de modo a criar o cenário necessário para a contextualização das outras etapas deste trabalho. No terceiro capítulo, é discutida a metodologia utilizada para a obtenção e análise dos dados. Os métodos para a escolha dos informantes, as técnicas de entrevista, registro e análise são abordados, de modo a expô-los ao julgamento e justificar aqueles que serão empregados. O quarto capítulo se destina à discussão dos resultados, de fato. Pretende-se analisá-los sob a ótica do desenvolvimento local, buscando apontar indicações que levarão à reflexão das possibilidades de utilização da espécie vegetal enfocada, na melhoria da qualidade de vida daquela população.

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento local, etnodesenvolvimento, etnobotânica, erva-mate.

ABSTRACT

The present objective work to investigate the ethnobotany paper of species of the *Ilex* sort in the daily one of the indians Kaiowá and Guarani of the Aboriginal Reserve of Caarapó, Mato Grosso of the South. Suggest the indicative signals of development throughout its history, will base the signalings for break out of the process of local development of these peoples, from the native in focus, also objective botanical material of this research. In the first chapter, a historical contexting of the *Ilex paraguariensis* St. Hil. was become fulfilled, it grass-kills, the used species more of the sort for the Kaiowá and Guarani; one searched, thus, to delineate the paper of this species in the occurred processes, also in relative to the settling of the south of the State. As the chapter brings a physical description - climate, ground, relief, vegetation - of the studied area, in order to create the necessary scene for the contexting of the other stages of this work. In the third chapter, the methodology used for the attainment and analysis of the data is argued. The methods for the choice of the informers, the interview techniques, register and analysis is boarded, in order exhibit the judgment and to justify them to it those that will be used. The room chapter if destines to the quarrel of the results, of fact. It is intended analyzes them under the optics of the local development, searching to point indications that will lead to the reflection of the possibilities of use of the focused vegetal species, in the improvement of the quality of life of that population.

KEY-WORDS: local development, etnodevelopment, ethnobotany, erva-mate.

LISTA DE MAPAS

- Mapa 1 - Área de ocorrência natural da erva-mate, em Mato Grosso do Sul.
(Elaborado por: SMANIOTO, C.R. - Programa Kaiowá/Guarani - UCDB, 2005)
- Mapa 2 - Localização atual das Terras Indígenas Kaiowá e Guarani em MS.
(Elaborado por: SMANIOTO, C.R. - Programa Kaiowá/Guarani - UCDB, 2005)
- Mapa 3 - Localização da Reserva Indígena de Caarapó-MS.
(Fonte: Programa Kaiowá/Guarani - UCDB, 2002)
- Mapa 4 - Localização das microrregiões na Reserva Indígena de Caarapó, MS. Situação da vegetação na Reserva Indígena de Caarapó, MS, em 2003.
(Elaborado por: SMANIOTO, C.R. - Programa Kaiowá/Guarani - UCDB, 2004).

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Peroba (*Aspidosperma* sp.) – remanescente nos fragmentos florestais da aldeia Tey'ikuê, apontada por Avelino Ramires na microrregião Jakairá.
- Figura 2 A imagem mostra o índio Kaiowá Avelino Ramires atuando como guia local. **(a)** entrada pelo noroeste da microrregião Jakairá; **(b)** entrada pelo oeste da mesma microrregião.
- Figura 3 Indivíduos de *I. paraguariensis* nos fragmentos florestais da microrregião Jakairá. **(a)** Avelino Ramires, com 1,75 m, perto de uma árvore de *I. paraguariensis*. **(b)** O pesquisador Flávio L. H. Rego tem 1,83 m e esta ao lado de outro exemplar da espécie. Ambas se encontram em fase de desenvolvimento.
- Figura 4 Local onde o Sr. Avelino Ramires se estabeleceu com sua família. Nota-se que no entorno das construções só são encontradas espécies frutíferas, adultas e em desenvolvimento. Em outras moradias, foram observadas espécies não frutíferas, contudo nenhuma árvore de erva-mate.
- Figura 5 Vista da região Saverá, mostrando intensidade do avanço das gramíneas exóticas.
- Figura 6 Queimada provocada por fator desconhecido. Nesta ocasião, em março de 2005, perdeu-se uma área considerável de fragmento em regeneração natural da microrregião Jakairá.

- Figura 7 Viveiro Florestal da aldeia Tey'ikuê, Caarapó, MS. Em primeiro plano Graciano Martins e atrás Edvaldo M. Laranjeira. Guarani e Kaiowá, respectivamente, os dois são colaboradores do viveiro e dos demais projetos para o desenvolvimento da Reserva Indígena.
- Figura 8 Áreas com plantio de eucalipto (*Eucalyptus* sp.). **(a)** Alunos da escola indígena participando das atividades comunitárias. Auxílio em troca de aprendizado. Ao fundo, árvores com 3 anos. **(b)** Plantação de eucaliptos. Árvores com 2 anos.
- Figura 9 Imagens do viveiro instalado na aldeia Tey'ikuê. (a) Mudanças de espécies nativas produzidas em sacos de polietileno. (b) Produção de mudas em tubetes – espaço otimizado.
- Figura 10 *Ilex paraguariensis* cultivada para a avaliação da variabilidade genética dentro de progênes nativas. Experimento estabelecido na Reserva Indígena de Caarapó, MS. **(a)** em consórcio com milho; **(b)** consorciada com mandioca.
- Figura 11 O índio Edvaldo M. Laranjeira, colaborador do viveiro de mudas, e dos projetos de recuperação ambiental desenvolvidos pelo Programa Kaiowá/Guarani, em Caarapó, MS.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 Informantes raros entrevistados na aldeia Tei'ykuê, Caarapó – MS.

SUMÁRIO

RESUMO	V
ABSTRACT	VI
LISTA DE MAPAS	VII
LISTA DE FIGURAS	VIII
LISTA DE TABELAS	X
O GÊNERO ILEX: ALTERNATIVAS DE SUSTENTABILIDADE NO USO DE ETNOESPÉCIES PELOS KAIOWÁ E GUARANI EM MATO GROSSO DO SUL	
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - A ERVA-MATE E OS KAIOWÁ E GUARANI: UMA ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA A PARTIR DO PERÍODO COLONIAL	16
1.1. A ERVA-MATE	16
1.2. OS GUARANI E A ERVA-MATE	17
1.3. OS JESUÍTAS E A ERVA	20
1.4. OS SABERES TRADICIONAIS E O DESENVOLVIMENTO LOCAL	23

	15
CAPÍTULO 2 – TEI'YKUÊ: OS KAIOWÁ E GUARANI EM CAARAPÓ, MS	29
2.1. A RESERVA INDÍGENA DE CAARAPÓ, MS	29
CAPÍTULO 3 – ETNOBOTÂNICA INDÍGENA: ESTUDO REALIZADO NA RESERVA DE CAARAPÓ, MS	35
CAPÍTULO 4 – GENTE E MATO: A ERVA-MATE SOB A ÓTICA DOS KAIOWÁ E GUARANI	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61

O GÊNERO ILEX: ALTERNATIVAS DE SUSTENTABILIDADE NO USO DE ETNOESPÉCIES PELOS KAIOWÁ E GUARANI EM MATO GROSSO DO SUL

INTRODUÇÃO

A erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hil), a espécie mais comum e utilizada do gênero, pertence à família Aquifoliaceae e apresenta cerca de 600 espécies, sendo que 220 são nativas da América do Sul, das quais 68 ocorrem no Brasil (SCHERER, 1997; STURION E RESENDE, 1997).

A erva-mate é usada na obtenção de bebidas estimulantes sobre o sistema nervoso central, devido à presença de bases xânticas como a cafeína e a teobromina, as quais são comuns também em outras espécies vegetais cultivadas e utilizadas com o mesmo fim como o café, o chá-da-índia, o cacau e o guaraná (RICCO et al., 1995).

Os únicos países produtores da espécie no mundo são o Brasil, a Argentina e o Paraguai. Nesses países o cultivo desta espécie é de grande importância sócio-econômica uma vez que é realizado por um grande número de pequenos produtores, comunidade indígena (guarani) e pelas próprias ervateiras.

Tradicionalmente, as comunidades indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul utilizam sistematicamente as folhas da espécie. No passado, vastas áreas do Estado eram cobertas pelos ervais, o que favoreceu o arrendamento e a exploração de uma área que ultrapassava a 5.000.000 de hectares, por parte da Cia. Matte Laranjeira, se tornando assim um dos maiores arrendamentos de terras devolutas do regime republicano em todo o Brasil para um grupo particular (BRAND, 1997). Atualmente são poucos os indivíduos remanescentes em toda a área de ocorrência nativa de erva-mate em Mato Grosso do Sul.

Ao longo dos últimos anos a procura por mudas da erva-mate tem crescido no Estado e, em particular, na região do município de Caarapó, entretanto, não há disponibilidade de material genético nativo para atender tal demanda. A expansão da fronteira agrícola, a necessidade de disponibilização de terras para o assentamento de colonos favoreceu a derrubada dos ervais naturais, iniciando de modo intenso a fragmentação da vegetação.

O presente trabalho é motivado pelo anseio da comunidade indígena Kaiowá e Guarani em ter, novamente, em suas áreas a disponibilidade da espécie como recurso natural vegetal, para consumo e possível comercialização do excedente.

Os Kaiowá e Guarani da região Sul do Estado de Mato Grosso do Sul, conhecidos como “povos da mata”, ocupavam um amplo território, em pequenos núcleos populacionais, integrados por uma, duas ou mais famílias, que mantinham entre si inúmeras relações de casamento, tendo à frente os chefes de família mais velhos, denominados de *tekoaruvicha* (chefes de aldeia) ou *ñanderu* (nosso pai), (BRAND, 2003).

As populações indígenas sempre tiveram como base a percepção da profunda interdependência entre o mundo da natureza (vegetais e animais) e o mundo dos humanos, entendendo a natureza como algo vivo com quem se interage e se estabelece uma comunicação constante, apoiada numa visão cosmológica integradora. Não se trata, portanto, sob a ótica dessas populações, de dominar a natureza, mas entender sua linguagem e compreendê-la, na certeza de que a sobrevivência do homem dependerá muito mais de compreensão e respeito do que de sua capacidade de domínio ou de transformação (BRAND, op. cit.).

Emerge, assim, a questão norteadora deste trabalho: de que forma o conhecimento tradicional sobre a erva-mate e o atual contexto cultural em que ela se insere, poderá influenciar e/ou ser um elemento estimulador do desenvolvimento local, sob a ótica indígena.

Neste contexto, o presente estudo tem por objetivos avaliar a relação histórica e cultural dos Kaiowá e Guarani com a erva-mate e etnoespécies do gênero *Ilex*, bem como reunir argumentos para uma discussão que possibilite apontar alternativas de sustentabilidade interna, a partir do cultivo da espécie.

O Capítulo 1 faz um relato das relações entre os Kaiowá e Guarani e a erva-mate, e o início de sua exploração pelos jesuítas, a partir do período colonial, relacionando a espécie aos aspectos de desenvolvimento desencadeados.

O Capítulo 2 aborda os aspectos históricos da formação das Reservas e a descrição física; demonstra a área de ocorrência natural da erva-mate, a localização das Terras Indígenas Kaiowá e Guarani e a situação da vegetação da Reserva de Caarapó, no Estado.

A descrição dos procedimentos metodológicos é apresentada no Capítulo 3, no qual menciona-se a forma de obtenção dos dados, o perfil dos informantes e a maneira de sistematizar as informações.

No Capítulo 4 apresenta-se alguns relatos e análises abstraídas de depoimentos dos informantes raros Kaiowá e Guarani sobre a erva-mate e seu contexto sócio-cultural.

CAPÍTULO 1

A ERVA-MATE E OS KAIOWÁ E GUARANI: UMA ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA A PARTIR DO PERÍODO COLONIAL

1.1. A erva-mate

A *Ilex paraguariensis* St.-Hil é a espécie mais comum e utilizada do gênero na produção do chá-mate, chimarrão ou tereré, bem como na extração de pigmentos. A denominação erva-mate, segundo relatos de um jesuíta anônimo, em 1620, é proveniente de seu uso no Peru, onde era preparada em infusão, dentro de uma cabaça (em linguagem quechua, mate) (ARRÓSPIDE, 1997). Ficou conhecida, então, por erva-mate, em guarani - caá ou, ainda, chá-de-Paraguai, chá-dos-jesuítas, erva-do-diabo, yerba-santa, para os uruguaios. Pertencente à família Aquifoliaceae, com cerca de 600 espécies, sendo que destas, 220 são nativas da América do Sul e 68 ocorrem no Brasil (SCHERER, 1997; STURION & RESENDE, 1997).

A erva-mate floresce durante os meses de outubro a dezembro, sendo que seus frutos amadurecem entre janeiro e março e são consumidos por pássaros de várias espécies. As sementes, em ambiente natural, germinam em meio às fezes dos pássaros, chegando a formar capões homogêneos. A árvore pode alcançar 15 metros de altura, permanecendo, porém, em torno de 7 metros quando submetida à poda. É ornamental e pode ser usada tanto para fins paisagísticos, como no plantio de áreas degradadas, destinadas à recomposição da vegetação (LORENZI, 2002).

A área de ocorrência natural da espécie faz do Brasil, da Argentina e do Paraguai os únicos países produtores de *I. paraguariensis* no mundo. Nesses países, o cultivo desta espécie tem grande importância socioeconômica, pois é realizado por um grande número de pequenos produtores e por ervateiras.

1.2. Os guarani e a erva-mate

Embora não pareça relevante explicar a origem dos termos aqui usados, visto a naturalidade com que humanos e plantas se relacionam desde sempre, convém destacar que a partir de 1895, surge, formalmente, o termo etnobotânica para representar estudos referentes a estas relações (ALBUQUERQUE, 2002).

Segundo o próprio Albuquerque (2002), a etnobotânica era inicialmente entendida como o estudo das inter-relações entre povos primitivos e plantas, considerando-as como componente cultural. Os povos indígenas mantêm profundos conhecimentos sobre os recursos naturais localizados em seus territórios, pois deles provinham sua alimentação, sua saúde, sua moradia e seu abrigo. Brand (2001:60) acrescenta que:

A ciência ocidental, tardiamente, vem se dando conta da sabedoria acumulada por esses povos sobre o meio em que estão inseridos a milhares de anos.

Os Kaiowá e Guarani possuem, como os outros povos indígenas, um profundo conhecimento sobre os recursos naturais existentes em seu território, sobre a sua produção e sobre as muitas formas de utilização desses recursos (BRAND, op. cit., p. 61). Dessa forma, considera-se que a dicotomia, humanos e ambiente, estabelecida pela ciência ocidental, seja de difícil sustentação, pois são dois elementos que se inter-relacionam. Os seres humanos, como espécie única, dependem, amplamente, do ambiente pelos fatores já mencionados. O ambiente, por sua vez, comporta a espécie humana, dependendo dela para a manutenção do dinamismo de determinados ecossistemas (PRIMACK e RODRIGUES, 2001).

Na região do Chaco, a união do conhecimento tradicional à ciência ocidental aconteceu, oficialmente, por volta do século XVII, e foi marcada pelo grande interesse dos jesuítas nas espécies de uso tradicional indígena, bem como pelo emprego de técnicas agrícolas européias na produção de alimentos e medicamentos, principalmente. Contudo, as relações entre seres humanos e vegetais são bem mais antigas. Como o interesse não é discutir arqueobotânica, nem tão pouco enveredar por uma discussão puramente antropológica, vamos ater, nesse ponto, aos dados etnobotânicos, relatados pelo jesuíta Antonio Ruiz de Montoya e registrados por (ARRÓSPIDE, 1997).

A erva-mate, assim como o tabaco, era usada, de forma restrita, pelos Guarani no início do século XVI. Não se bebia o chá, nem se utilizava a erva de forma alguma, a não ser pelos xamãs, quando queriam consultar os maus espíritos (demônios, na visão cristã, vindo

daí a denominação, por parte dos colonizadores, de erva-do-diabo). No entanto, ela era oferecida, moderadamente, aos velhos índios, com a intenção de lhes restituir as forças (ARRÓSPIDE, 1997).

Segundo Montoya (1985:43):

Passaram a usá-la, os índios de idade avançada, mas era com moderação. Os efeitos que em geral contam o propósito desta erva vêm a ser que ela os alenta (estimula) ao trabalho e lhes serve de sustento. De fato é assim que o vemos cada dia, sendo que um índio há de remar o dia todo, sem outro alimento qualquer que o de beber, de três em três horas, a erva. Limpa-lhes ela o estômago de escarros, desperta os sentidos e afugenta o sono a quem quiser velar o embarço do mesmo.

O consumo da erva não era, portanto, visto com bons olhos pela sociedade não-índia, sendo permitido apenas seu uso terapêutico, por recomendação médica. Com o tempo e em decorrência do convívio com os nativos, essa visão mudou, pois estes utilizavam-se da erva com crescente frequência, conforme relata Arróspide (1997:216):

Todos los índios la toman antes que amanezca y todas las veces que la tengan, cuando trabajan, aunque no coman, con sola yerba se sustentan y se avuan sus fuerzas para trabajar de nuevo, como lo he visto en los bogadores de las balsas remaré un indio todo un día, sin otro sustento que beber de tres en tres horas la yerba.

O consumo da infusão foi aumentando na Coroa Espanhola a partir de pessoas que ocupavam altos postos de governo, como o Tenente Geral do Governador. A influência desses militares era tal que, rapidamente, o “vício do consumo da erva” tomou conta de toda a sociedade (MONTROYA, 1986, apud ARRÓSPIDE, 1997:216).

[...] son muy raros los que non tienen este vicio; tanto puede el mal ejemplo de los cabezas [...] beben la yerba como infusión, en agua caliente, todos los españoles hombres y mujeres y todos los indios, con que vacían el estómago dos veces al día .

A erva-mate foi, então, incorporada ao cotidiano de índios e não-índios, de forma gradativa e em tempo não tão longo, se pensarmos nas dimensões históricas. Desde os primeiros relatos de seu uso pelos indígenas nos rituais, feitos ao Pe. Montoya, até a sua incorporação aos hábitos espanhóis, decorreram não mais que cem anos. Contudo, a extrapolação do consumo da erva para além das fronteiras da Coroa Espanhola aconteceu com maior rapidez. De 1610, ano de chegada dos jesuítas a esta região do continente Americano (Chaco), a 1628, a erva-mate tornou-se um agente importante na expansão de suas próprias fronteiras.

Ya en 1612 la usaban los más destas dos gobernaciones de Paraguay y Tucumán [...]. En 1618 Hernandarias quedó espantado al comprobar cómo, entre uno y otro viaje a Asunción, la yerba se había apoderado tan violenta y enteramente del ánimo y la voluntad de sus compatriotas [...]. En 1628 se había difundido aún más: este vicio ha cundido fuera del Paraguay e las provincias del Río de la Plata, Tucumán, Chile y aun ha llegado a Potosí y al Pirú (ARRÓSPIDE, 1997:216).

August Saint-Hilaire, botânico francês, em 1822, foi quem descreveu a espécie, sendo os estudos da erva-mate iniciados pelos jesuítas, a partir da observação de seus ciclos vegetativos (SAINT-HILAIRE, 1974).

O Pe. Montoya, segundo Arróspide (1997), registrou os efeitos que podiam ser observados nas pessoas a partir do uso da erva. Com sua visão marcada pelo ‘pensamento missioneiro’ relatou seu efeito purgativo e estimulante, enfatizando que lhes afugentava o sono. Talvez tenha sido esse estado de eufórica vigília que espantou, inicialmente, os religiosos fazendo com que condenassem o uso da erva-mate, sem ao menos prová-la. Alguns anos mais tarde e após análises mais criteriosas, o próprio Montoya declarou:

Muchas son las virtudes que se atribuyen a dicha yerba, lo mismo reconcilia el sueño que desvela; igualmente calma el hambre que lo estimula y favorece la digestión, repara las fuerzas, infunde alegría y cura varias enfermedades (ARRÓSPIDE, op. cit.).

Os Guarani, até onde se conhece, estabeleciam suas relações com a erva a partir de elementos imateriais, sendo esta utilizada como um ‘elo’ que ligava o mundo material ao espiritual, ou como um elemento que facilitava a comunicação com o sobrenatural. O não-índio intensificou a utilização da espécie sob outros pretextos, onde destacam-se a dominação de um território cada vez maior, e seu próprio desenvolvimento econômico.

1.3. Os jesuítas e a erva

Na Idade Média, os europeus dividiam o mundo em duas partes. A primeira compreendia os homens civilizados; a segunda, desorganizada, era povoada por selvagens pagãos. E, de acordo com Colchester (2000:226),

Os cristãos pioneiros trouxeram essa mesma visão de natureza para o Novo Mundo, onde a reforçaram ainda mais. Cercados pelos primeiros indígenas nus, de cabelos longos, que nada sabiam de Cristo ou da modéstia, a fronteira de seu mundo precário dependia da domesticação da natureza, já que procuravam criar um modo de vida a partir de uma natureza selvagem.

Os guarani pré-coloniais dependiam dos recursos naturais para sua sobrevivência, hábito que se mantém nos dias atuais. Com a chegada dos padres jesuítas, formaram-se as Missões, esboço de vilarejos, compostos por casas, uma capela, uma casa para abrigar os religiosos e uma pequena escola usada na evangelização dos ‘naturais’, como eram chamados os nativos da terra.

O parentesco e as relações criadas a partir dele, até então, eram elementos fundamentais na organização da produção e redistribuição dos recursos alimentares, para a construção de abrigos e rituais de cura, incluindo o uso de remédios. A prioridade em sua economia tradicional era a obtenção de alimentos através de coleta que, ao contrário das sociedades ocidentais, tinha por objetivos o consumo e o exercício da reciprocidade (BRAND, 2001a).

A reciprocidade, mantida até hoje, implica na permuta ou troca de pequenos bens, alimentos, favores, influências, etc, entre pessoas ou grupos, especialmente entre os grupos macrofamiliares. Entre os Kaiowá e Guarani, essa reciprocidade constitui a base da formação

do capital social, tal como afirma Durston (1999), referindo-se a comunidades não-índias. Entende-se, assim, por capital social, o elemento de valor não financeiro, que não pode ser medido ou calculado em espécie, e que mantém a coesão do grupo através de seus próprios interesses e necessidades. A esse respeito, Kliksberg (1999:87) acrescenta:

[...] el capital social hace más productivas otras formas de capital, como el humano y el financiero. La influencia positiva de un componente central del capital social, la familia, en numerosos aspectos ha sido verificada por diversas investigaciones recientes. Cuanto mayor es la solidez de esse capital social básico mejores son los resultados, y al revés.

Neste contexto, o capital social das populações Guarani fundamenta e é mantenedor da identidade cultural desses povos, diante de tantos percalços como serão explicitados no decorrer deste trabalho. Os elementos da cultura tradicional são observados em função de sua força mesmo quando se inviabilizam as possibilidades de migração dentro de um território amplo, em consequência do processo de colonização e o consequente confinamento dos grupos macrofamiliares (como eram organizados esses povos) nas reduções, provocando a substituição da coleta pelo cultivo de alimentos (LUGON, 1977).

Segundo Avé-Lallemant (1980), no início do séc. XVII, as missões jesuíticas se fortaleceram com as 'reduções' (evangelização) dos índios capturados pelos desbravadores, pela ampliação do território missioneiro e pelo crescimento do comércio dos produtos dessas áreas.

Em suas vastas propriedades criavam grandes rebanhos; de uma só estância vendiam 1.500 muares por ano. Produziam ademais algodão, fumo e açúcar, sendo o mate o que mais levavam ao mercado [...] (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 279).

No âmbito das Missões, os alimentos e demais produtos eram distribuídos conforme o número de pessoas na família e de acordo com a assiduidade desta ao trabalho. Não havia a circulação de moeda de qualquer espécie, mas uma redistribuição de víveres pelos trabalhos prestados, fortalecendo a reciprocidade entre índios e jesuítas.

O singular estado teocrático¹ dessa época, no entanto, não outorgava validade a nenhum direito civil e a propriedade das terras era exclusiva dos ‘santos padres’. A maior parte da produção excedente, em volume considerável, era vendida à Argentina, afetando os outros pequenos produtores:

A sua exportação para Santa Fé e Corrientes subia a 30-40 mil arrobas por ano, de modo que os particulares absolutamente não podiam concorrer com eles e o poder temporal teve que moderar o poder eclesiástico (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 280).

O aumento do volume de erva, comercializado pelos jesuítas, gerou divisa suficiente para o aumento de seu poder bélico, quando, em 1649, foi-lhes concedido o direito de manter uma força armada de formato militar. Diante do exposto, Kern (1982:32) esclarece o quanto os jesuítas progrediram em organização e o quanto cresceram em poder:

O desenvolvimento da produção de erva-mate, a organização da pecuária e estabelecimento de um sistema de transporte da produção em barcas ou em mulas, a criação dos Ofícios das Missões, a introdução de técnicas novas, tudo levou a um progresso material das Missões, que denota a eficiência desta tutela exercida pelos jesuítas na vida econômica missioneira.

Na tentativa de amenizar a situação, a Coroa Espanhola emitiu um alvará, em 1679, que limitava as vendas de mate pelos jesuítas, a não mais que 12.000 arrobas por ano. Apesar desta restrição, houve quem alegasse que os missionários chegavam a exportar 120.000 e até 300.000 arrobas, mas essas acusações nunca puderam ser confirmadas. Se havia esse excedente, tomaram o cuidado de registrar somente as 12.000 arrobas permitidas.

Lugon (1977) demonstra haver, à época, certa competição entre encomendeiros escravistas e jesuítas pela produção, principalmente de erva. Neste contexto, os encomendeiros sobrepujaram os jesuítas, contribuindo para a sua retirada do território sul-americano, em meados do séc. XVIII. O contexto apresentado demonstra o quanto a extração

¹ Ave-Lallemant (1980) esclarece em sua narrativa que os jesuítas detinham grande poder econômico, o que influenciava diretamente sua participação política na sociedade da época. Contudo, sua autoridade era considerada como uma emanção das vontades de Deus, caracterizando assim, o estado teocrático a que o texto se refere.

e comercialização da erva-mate contribuíram para o fortalecimento da presença e expansão do domínio jesuítico nesta região.

1.4. Os saberes tradicionais e o desenvolvimento local

A discussão sobre o que é tradicional vai além das conjecturas sociológicas, exigindo análise das articulações sócio-ambientais, ou melhor, da cosmovisão indígena para seu bom entendimento e adequado uso do termo. Tradicional, nos dicionários da língua portuguesa, é o conhecimento resultante da prática da transmissão oral de hábitos muito antigos, profundamente radicados. O termo tradicional refere-se a todo o conhecimento e saber, desenvolvidos a partir de observações e experiências, transmitidos ao longo de gerações, por um povo, considerando seu contexto sócio-ambiental e, portanto, suas práticas específicas. Diegues (1996:41), enfatiza essa argumentação com a seguinte afirmação sobre o saber tradicional:

[...] o saber acumulado das populações tradicionais sobre os ciclos naturais, a reprodução e migração da fauna, a influência da lua nas atividades de corte da madeira, da pesca, sobre os sistemas de manejo dos recursos naturais, as proibições do exercício de atividades em certas áreas ou períodos do ano, tendo em vista a conservação das espécies.

Castro (2000), associando o espaço físico à sua utilização, acrescenta que o ser humano tem a capacidade de provocar a “transformação da natureza e [...] sua subjugação”, à medida que depende dos recursos naturais para sua subsistência. Para a autora:

Território é o espaço no qual certo grupo garante aos seus membros direitos estáveis de acesso, de uso e de controle dos recursos e sua disponibilidade no tempo (id. ib., p. 167).

Para Roué (2000:122), as relações entre populações e ambiente incluem análises de duas percepções: uma a partir da “visão externa” e outra na perspectiva “interna”, de forma que:

[...] os conhecimentos e a visão do mundo indígena, no âmbito de uma dada sociedade e, por conseguinte, de uma certa organização social, [...] demonstram como natureza e cultura se articulam.

Nas interações entre meio-ambiente e populações, passado e presente se misturam e só não se confundem graças às dimensões sócio-temporais, ou seja, cada relação assim se dá em função de um contexto onde estava inserida, em determinado tempo. As relações dos Kaiowá e Guarani com a erva-mate foram, ao que parece no início, de ordem restrita ao uso ritual e curativo.

[...] todas as atividades produtivas contêm e combinam formas materiais e simbólicas com as quais os grupos humanos agem sobre o território. [...] Nas sociedades ditas “tradicionais” e no seio de certos grupos agroextrativos, o trabalho encerra dimensões múltiplas, reunindo elementos técnicos com o mágico, o ritual, e enfim, o simbólico (CASTRO, 2000:167).

Neste contexto, analisa-se o uso da erva-mate que, rapidamente, se estendeu aos espanhóis e outros colonizadores de culturas diferentes a dos nativos. Até o séc. XVII, a erva já era consumida por índios e não-índios, não com o mesmo objetivo original, nem tão pouco com a mesma frequência, mas influenciando os padrões culturais desses povos de modo irreversível.

A partir da utilização de um conhecimento tradicional relacionado ao uso de um recurso vegetal, índios, jesuítas e colonizadores experimentaram mudanças em seu cotidiano, no papel exercido por seus elementos culturais e na maneira de se relacionar entre si e com o ambiente.

Aconteceram mudanças, portanto, no patrimônio cultural desses personagens. A inclusão da erva-mate no uso diário pressupõe que todo um elenco de elementos culturais, imateriais e materiais, tiveram que ser rearranjados. Essa concepção de patrimônio que, segundo Fonseca (2003), é entendida como uma composição de elementos materiais cujo valor de uso é reforçado por seu significado imaterial (o oposto também é verdadeiro), vem se juntar às proposições de Laraia (2002), para explicar a dinamicidade das culturas.

Da mesma forma, Resende e Mauro (2003), observam que, por exemplo, a fragmentação das florestas e as alterações nas populações de animais são decorrentes das

influências dos processos de desenvolvimento [agropecuário]. O equilíbrio dinâmico observado nos ambientes naturais se reflete nas áreas tradicionais.

No caso dos Kaiowá e Guaraní contemporâneos, o mesmo desenvolvimento agropecuário, iniciado com a chegada dos missionários às suas terras, proporcionou:

A apropriação dos territórios indígenas e a correspondente exploração das riquezas naturais e humanas [que] caracterizam-se, dessa forma, como um processo de crescente comprometimento da diversidade ambiental e cultural (BRAND, 2003:177).

Dessa forma, nota-se que através da atividade missionária ocorreu o crescente uso da erva-mate e da projeção que se fazia da extensão da área com ervas nativas. Estes fatos desencadearam mudanças de ordem social e política, interferindo nas relações entre índios e recursos naturais e da valorização destes pelos colonizadores.

O conceito de desenvolvimento tem sido discutido em muitas áreas do conhecimento. A maioria das referências se restringe ao ponto de vista econômico. Buarque (1999) trata do desenvolvimento como um dinamismo econômico que resultará na melhora da qualidade de vida. Pode, ainda, ser interpretado como aumento, ganho, ou acréscimo, simplesmente. Do ponto de vista ambiental, também tem sido interpretado sob o aspecto da regeneração ou da recuperação (COSTA, 2003). Contudo, é sob a luz do social que adquire sentido mais amplo.

A dimensão humana do desenvolvimento está ligada à valorização do indivíduo em sua totalidade, tendo o desenvolvimento econômico não como o fim, mas como meio de progresso e melhoria na qualidade de vida, afirma Martins (2002), reforçando o discurso de Buarque (op. cit.).

A existência humana é norteada pela “trilogia”: necessidades, satisfatores e bens. As necessidades são inatas e comuns a todos da mesma espécie; os satisfatores são elementos do imaginário, ou da experiência própria de cada sociedade, sua organização social e valores, muito mais ligados, portanto, ao sentido do que pensamos ser necessário para atendê-las; e os bens, mediando os satisfatores, representam aquilo que de concreto temos para satisfazê-las (ELIZALDE, 2000).

Cabe relacionar as mudanças observadas a partir das ações dos jesuítas à idéia de desenvolvimento local, tão usado como tema de debates contemporâneos.

Em termos conceituais, o desenvolvimento local tem sido associado ao progresso material, à melhoria da qualidade de vida e à eliminação da pobreza (MARTINS, 2002). Por

outro lado, o mesmo autor ressalta que esse desenvolvimento não está centrado somente nestes objetivos, mas atribui à comunidade um papel ativo, e não apenas de beneficiária dele. O envolvimento da comunidade, de maneira ativa, como agente responsável pelo seu próprio progresso, tem sido o modo mais acertado para tornar esse desenvolvimento um processo endógeno e, portanto, com maiores perspectivas de sustentabilidade, o que não foi constatado nas dinâmicas da ocupação missioneira.

Este contexto de desenvolvimento, conforme depreendido da história das populações Kaiowá e Guarani pode ser relacionado ao que afirma Ávila (2000), quando se refere aos aspectos socioeconômicos do desenvolvimento. Segundo o autor, desenvolvimento no local tem este como sede física, mas difere do desenvolvimento local (DL), por não configurar um processo endógeno. O desenvolvimento no local só se mantém em uma comunidade-localidade enquanto estiver gerando divisas para seus agentes. Enfatiza, ainda, que o desenvolvimento no local, enquanto processo, deixa graves seqüelas ambientais e sociais. A caracterização desse tipo de “desenvolvimento” pode ser observada durante e após as incursões missioneiras pelos territórios indígenas.

As áreas de ocupação tradicional Kaiowá e Guarani foram drasticamente fragmentadas pelas reduções jesuíticas, e iniciou-se a partir do modelo extrativista ocidental, a exploração dos recursos naturais até (quase) a exaustão. A este processo, atribui-se a desestruturação da economia, das relações de reciprocidade e da estrutura social tradicional desses povos.

Assim, desenvolvimento no local e desenvolvimento local possuem origens e conceitos diferentes, mas práticas muito próximas. Pode-se confundir a súbita melhora econômica no local, porém que se esgota com a exaustão do recurso explorado, ou seja, com o fim dos lucros ou de outros fatores atrativos, com desenvolvimento local.

A endogenia que caracteriza a origem do desenvolvimento local advém da percepção na comunidade, da necessidade de se organizar, identificar deficiências e autogerenciar suas conquistas, tendo dessa forma, maior perspectiva de continuidade.

Nesse sentido, considerando que o processo histórico de exploração da erva-mate, nativa em todo o território indígena, gerou em determinados momentos, muita riqueza, esta não proporcionou desenvolvimento para as populações nativas, pois ao final, os ervais foram esgotados, os Guarani e Kaiowá estavam muito mais pobres e em condições mais precárias de sustentabilidade do que antes.

Ao que se tem registrado é atribuído certo desenvolvimento puramente econômico para os jesuítas e até para os argentinos envolvidos com o comércio da erva-mate no período colonial. Para as populações indígenas nativas e para os ecossistemas da região, o cenário que

ficou está degradado, visto que ocorreram mudanças sob muitos aspectos, tanto ambientais quanto nos grupamentos humanos.

Para os Kaiowá e Guarani houve grande perda. Sua estrutura social foi afetada pelas investidas da complexa e estranha cultura ocidental. O ambiente que lhes era tão familiar, generoso de víveres e abrigo, se transformou num território hostil, vazio de recursos, insuficiente para a sustentabilidade familiar, o que segundo Le Bourlegat (2000:17) desfaz as características do “lugar”, suporte material para a existência [...].

Em contrapartida, observa-se, atualmente, um crescente interesse das comunidades indígenas do sul de Mato Grosso do Sul, em empreender o cultivo da erva-mate. Sob a proposta inicial de pequenos plantios consorciados com outros cultivares tradicionais, objetiva-se explorar, novamente, as condições favoráveis da região, para o desenvolvimento desta espécie.

Neste contexto, pesquisas cujos resultados possam ser empregados na valorização e na releitura dos conhecimentos tradicionais relativos à erva-mate, subsidiarão o fortalecimento do cultivo da espécie, a recuperação da vegetação nativa, a recuperação ambiental, o aumento da oferta de alimentos através dos consórcios agroflorestais, o que conseqüentemente contribuirá para a melhoria da qualidade de vida dos Kaiowá e Guarani.

CAPÍTULO 2

TEI'YKUÊ: OS KAIOWÁ E GUARANI EM CAARAPÓ, MS

2.1. A Reserva Indígena de Caarapó

Há cerca de 200 anos os Guaranis ocupavam cerca de 25% do território que hoje compreende o Estado do Mato Grosso do Sul (MS), correspondente a 8.750 milhões de hectares de terra (MELIÁ, GRUMBERG e GRUMBERG, 1976)

Após a guerra do Paraguai, deu-se início a exploração dos ervais nativos do MS, o que proporcionou o surgimento de cidades como Porto Murtinho, Bela Vista, entre outras (BRAND, 1998). Neste contexto, a mesma autora acrescenta que o processo de exploração do território Kaiowá e Guarani foi iniciado com a mesma atividade, a partir do arrendamento concedido à Cia Matte Larangeiras onde os índios e suas famílias eram levados ao trabalho, como mão de obra menos onerosa, na extração da erva (BRAND, 2001b).

Segundo Monteiro (2003:18), o território tradicional desse povo – **ñande retã** – era assim delimitado:

[...] se estendia, ao norte, até os rios Apa e Dourados e, ao sul, até a Serra de Maracaju, abrangia uma área de cerca de 40 mil quilômetros quadrados no Brasil e Paraguai e era marcado por três características essenciais para um território kaiowá: matas, córregos e terra boa para a agricultura.

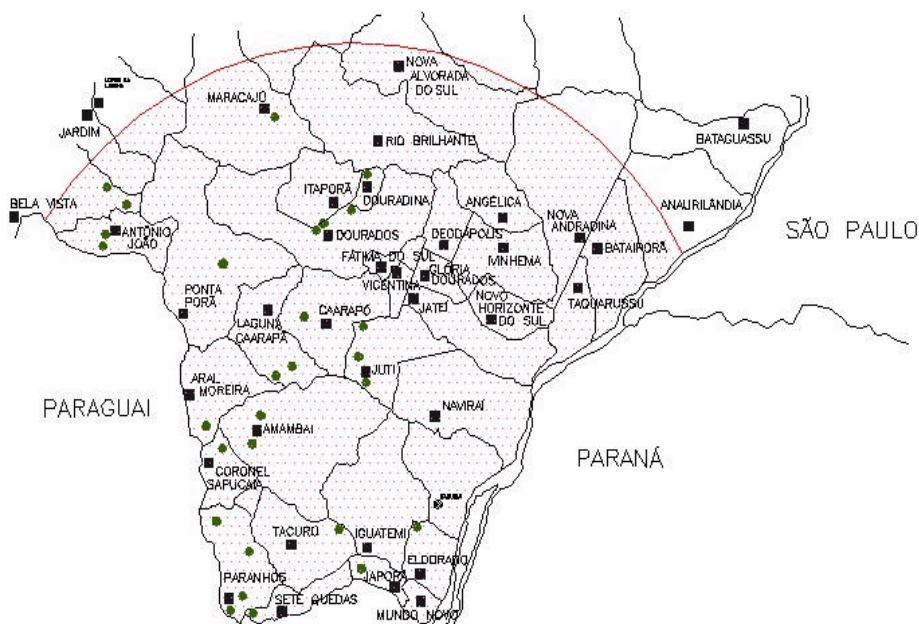
Há algumas décadas, a etnia vivia harmoniosamente em centenas de aldeias espalhadas por todo o sul do Estado de Mato Grosso do Sul, tendo como limites o rio Apa (Bela Vista), a Serra de Maracaju, o rio Brilhante, o rio Ivinhema, o rio Paraná, e o rio Iguatemi, dentro do território nacional (BENATTI, 2004).

Ao final da Guerra do Paraguai, o governo do Império criou uma Comissão de Limites, com o objetivo de estabelecer e demarcar a fronteira seca entre o Brasil e o Paraguai, no sul da então Província de Mato Grosso. Após o encerramento dos trabalhos, em 1882, Tomaz Larangeira solicitou e obteve a permissão para exploração da erva-mate (SEREJO, 1986).

Ainda segundo Serejo (op. cit.), inicia então, o processo de ocupação do território indígena por sucessivas frentes de colonização. A mais expressiva delas, foi representada pela Cia Matte Larangeira. Embora tenha sido responsável pelo deslocamento de inúmeras famílias indígenas, em função da exploração dos ervais nativos utilizando mão-de-obra da região², não fixou colonos e, também, não questionou o domínio do território por parte dos Kaiowá e Guarani. O mapa 1 mostra a área de ocorrência natural da erva-mate em território sulmatogrossense, e no mapa 2 está indicada localização atual das terras Kaiowá/Guarani. A distribuição das áreas indígenas como vemos hoje, refletem a configuração deixada pela Cia Matte Laranjeira, ao final da concessão para a exploração dos ervais.

Em 1890, a Cia Matte Larangeira se instala onde havia abundância de ervais, atingindo, especialmente, as regiões de Caarapó, Juti, Ramada, Amambaí e Campanário³ (BRAND, 1998).

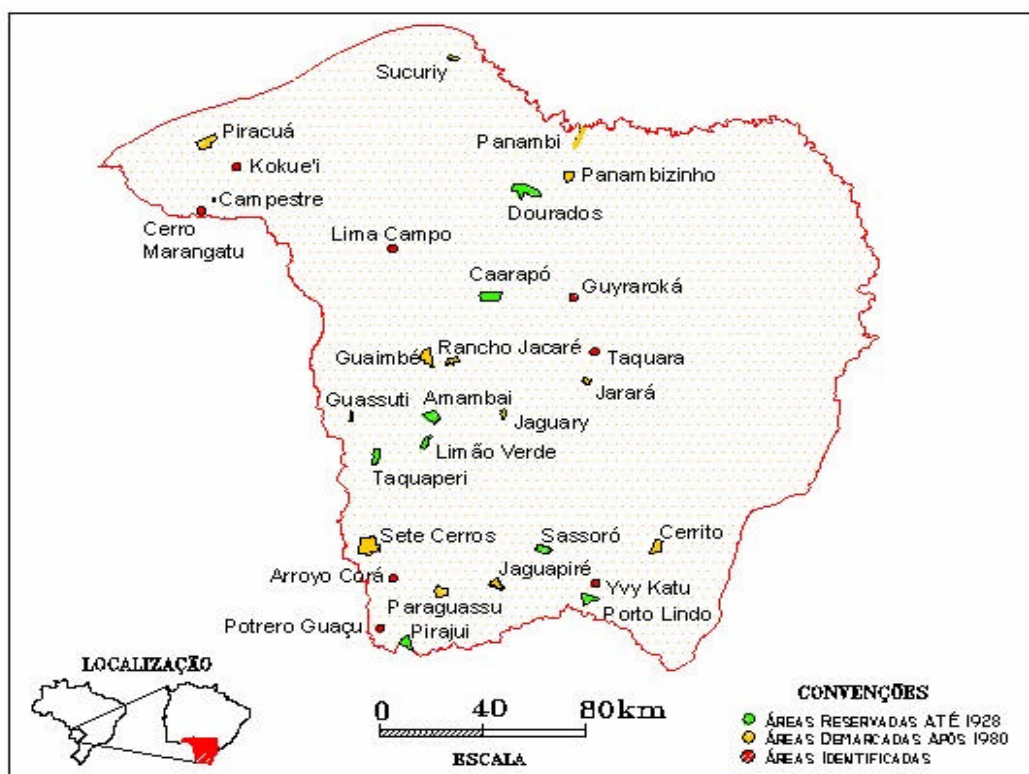
A referida Cia detinha o direito ao uso da terra e seus recursos, não lhe interessando a propriedade (BRAND, 2001b). Dessa forma, “[...] ao manter absoluto controle sobre a entrada de outros colonizadores dentro da área arrendada [...], representou importante elemento de proteção do território kaiowá/guarani [...]” (id.: 108). Contudo, “[...] as atividades que mais atingiram a vida dos Kaiowá [e Guarani] até hoje foram as derrubadas e a implantação das fazendas [...], iniciadas aproximadamente em 1958, segundo vários informantes indígenas (id. ib.:108).



² A mão-de por paragu: extração e participado escravidão.
³ É conveni e não a pos:

or índios, mas énicas para a afirmam ter semelhante à ação da erva,

Mapa 1 – Área de ocorrência natural da erva-mate, em Mato Grosso do Sul.
(Elaborado por: SMANIOTO, C.R. - Programa Kaiowá/Guarani - UCDB, 2005)



Mapa 2 – Localização atual das Terras Indígenas Kaiowá e Guarani em MS. (Elaborado por: SMANIOTO, C.R. - Programa Kaiowá/Guarani - UCDB, 2005)

Uma vez instaladas as fazendas, os índios foram compulsoriamente removidos para dentro das oito reservas demarcadas pelo Serviço de Proteção Indígena (SPI), entre os anos de 1915 e 1928. Essas áreas somaram um total de 18.124 hectares (BRAND, 1998). Hoje os Kaiowá e Guarani ocupam menos de 1% das terras que compunham seu território tradicional no MS. A instalação das famílias nessas reservas configurou, ao longo da história, uma situação de confinamento compulsório.

A demarcação das oito reservas, para usufruto dos Kaiowá e Guarani, entre 1915 e 1928, foi uma tentativa de agrupar aldeias e grupos macro-familiares. [...] as famílias Kaiowá/Guarani organizam-se a partir de seus núcleos básicos, que marcam a distribuição do espaço dentro da aldeia [...], afirma Vietta (1996). É importante salientar que a família extensa é, historicamente, a unidade social básica da sociedade Kaiowá e Guarani, sobre a qual se apóiam seus líderes político-religiosos.

Em 1943, o Governo Federal cria, em Dourados, em pleno território indígena, a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), destinando uma área de 300 mil hectares para o assentamento de colonos. A criação dessa colônia significa o deslocamento para dentro do território indígena de milhares de colonos, retirando dos Kaiowá e Guarani não apenas o domínio de uma área de 300 mil hectares de terra, como também os recursos naturais necessários à sua manutenção (BENATTI, 2004).

Sob a ótica indígena, profundas diferenças marcaram o engajamento dos Kaiowá e Guarani nos trabalhos dos ervais. O *esparramo* ou *sarambipa* é o termo indígena usado para caracterizar o processo de dispersão e o desmantelamento que marca essa diferença (BRAND, 1998). De acordo com Benatti (2004), com a dispersão, os integrantes dessas populações não encontravam mais as condições necessárias para manterem inúmeras práticas religiosas coletivas.

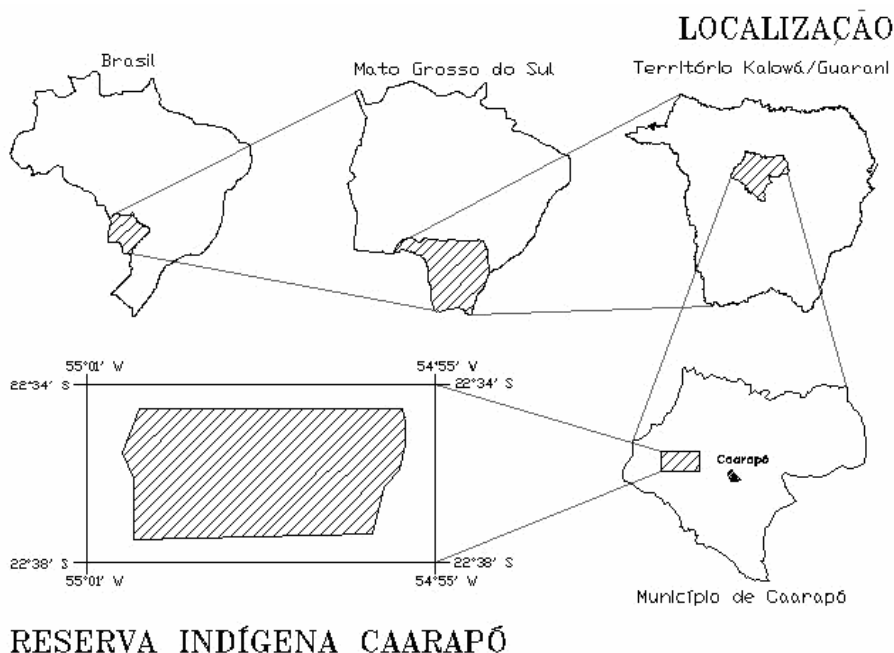
Finalmente, a partir da década de 1950, acentua-se, também, a instalação das fazendas de gado e a ocupação das matas, onde se encontra a maior parte das aldeias indígenas. Com o confinamento nas reservas, associado ao advento da soja e a utilização massiva da mecanização, no decorrer da década de 1970, agrava-se o comprometimento dos recursos naturais em toda a região, acentuando os efeitos do processo de confinamento dos Kaiowá e Guarani (BRAND, 1997).

O confinamento compulsório⁴ dentro das Reservas configura um novo e complexo contexto, onde se sobressaem os problemas resultantes da superpopulação: a sobreposição de aldeias e chefias, a restrição na mobilidade geográfica, e o gradativo esgotamento dos recursos naturais. De acordo com Brand (2001a), o superpovoamento nas reservas contribuiu para uma rápida degradação dos recursos naturais e uma queda significativa na qualidade de vida, por não oferecerem as mínimas condições para a sobrevivência dessas coletividades.

Situada a 16 km da sede do município de Caarapó, a Reserva Indígena é uma das oito áreas demarcadas pelo governo federal, entre 1915 e 1928, destinadas aos Kaiowá e Guarani⁵. A Reserva Indígena de Caarapó possui 3.594,4154 ha, situados entre os paralelos 22°34'S e 22°38'S e os meridianos 55°55'W e 55°01'W, inseridos na porção oeste do município de Caarapó, localizado ao sul do estado de Mato Grosso do Sul, e na região central da superfície que consistia no território tradicional dos índios Kaiowá e Guarani, conforme é mostrado no mapa 3. Esta área abriga hoje cerca de 3500 índios da etnia Kaiowá e Guarani.

⁴ Entende-se por confinamento compulsório a transferência sistemática e forçada das diversas aldeias Kaiowá/Guarani para Reservas demarcadas entre 1915 e 1928 (BRAND, 2001b).

⁵ Essas áreas demarcadas pelo governo são designadas 'reservas' desconsiderando critérios antropológicos, e serão mecanismo para o confinamento compulsório da população Kaiowá e Guarani.



Mapa 3 – Localização da Reserva Indígena de Caarapó-MS.
(Fonte: Programa Kaiowá/Guarani - UCDB, 2002)

A área da Reserva está posicionada no divisor de águas das bacias dos rios Dourados e Amambaí, com altitude média de 500 m, apresenta relevo plano e suavemente ondulado. As formações geológicas apresentam as mesmas características do seu entorno, englobando as Formações Serra Geral e Caiuá.

Em região de clima Subtropical, conta com precipitações entre 1400 e 1700 mm bem distribuídos anualmente, temperatura média anual de 20 a 22°C, chegando a atingir 0°C no inverno, com ocorrências de geadas, e 38°C no verão, onde se concentra o período de chuvas.

Os ecossistemas do interior da Reserva Indígena de Caarapó encontram-se hoje completamente alterados. A vegetação nativa tem sido consumida por vários fatores e os recursos hídricos estão, em grande parte, comprometidos. As práticas da caça, coleta de alimentos, medicamentos e outros tipos de matéria-prima são praticamente inexistentes. O solo está empobrecido, e em função da diminuição da oferta, a pesca torna-se uma atividade difícil de ser realizada.

No período de julho a setembro, quando há a diminuição das chuvas, as queimadas são facilitadas pela diminuição da umidade relativa do ar e pela grande massa seca produzida por gramíneas exóticas (colonião e braquiária), dessa forma o fogo facilmente se alastra, atingindo os fragmentos florestais, contribuindo também para a sua redução, comprometendo ainda mais a disponibilidade de recursos naturais.

Neste contexto, é possível traçar o perfil da Reserva Indígena de Caarapó, a situação das dinâmicas sócio-ambientais, bem como visualizar alternativas aplicáveis à recuperação ambiental e da qualidade de vida da população indígena dessa área.

As intervenções associadas à pesquisa, em situações sociais determinadas são hoje atribuições inerentes a uma academia voltada à interação com as populações envolvidas. A pesquisa, no papel de condição para a produção de conhecimento, a intervenção como decorrência do empreendimento social, e as parcerias com a comunidade, criam subsídios para fortalecer a permanência de um processo de melhoria na qualidade de vida.

CAPÍTULO 3

ETNOBOTÂNICA NA RESERVA INDÍGENA DE CAARAPÓ, MS

A etnobotânica é uma área das ciências sistematizada há mais de 100 anos, que atravessa uma fase de revitalização no mundo todo. Sua importância está baseada na multidisciplinaridade, evidenciando elementos que contextualizam o complexo relacionamento entre meio ambiente e sociedade humana.

Na construção do conhecimento, a etnobotânica vem auxiliando a compreensão das inter-relações entre a diversidade biológica e a diversidade cultural, ao passo que desvenda caminhos para o desenvolvimento sustentável das comunidades autóctones.

Baseados no saber tradicional, os estudos em neste sentido buscam sistematizar as informações usadas por um povo ou comunidade, relativos aos recursos vegetais por estes utilizados, seja como alimento, remédio, na construção de moradias, ferramentas, entre outros.

Segundo Albuquerque e Lucena (2004), é fundamental que se considere a *validade* e a *confiabilidade* das informações recebidas. Contudo, tão importante quanto coletá-las, é avaliá-las corretamente. Para tal, pode-se fazer uso de duas estratégias:

Informação cruzada: este tipo de método consiste em submeter a outros informantes a informação fornecida por um dado informante, promovendo dessa forma um confronto, onde as informações podem ser refutadas ou confirmadas.

Informação repetida: trata-se de um método de controle que é realizado levando-se em consideração o fator tempo, onde as perguntas feitas ao informante são, depois de um tempo, novamente

indagada ao mesmo informante. (ALBUQUERQUE e LUCENA, op. cit.: 22)

As entrevistas com informantes indígenas requerem conhecimento do contexto histórico, bem como do cotidiano dessas pessoas, prevendo dessa forma, que sejam evitadas as respostas tendenciosas, resultados das políticas assistencialistas adotadas pelos governos das três últimas décadas.

Os trabalhos acadêmicos envolvendo etnobotânica enfatizam, invariavelmente, a quantidade de espécies vegetais, seu grau de importância e formas como é utilizada pela população em questão. O universo dos informantes, contudo, não é salientado, atendo-se a seleção destes, àquelas pessoas com idade acima da média de idade da comunidade estudada.

No presente trabalho, realizou-se uma análise do contexto dos entrevistados, correlacionando idade, local de nascimento, família e tempo de permanência no local estudado (reserva ou aldeia), o que remete à função que desempenha e/ou à sua representatividade na família e na comunidade.

Ao focar a idade do informante (indígena), é possível avaliar quais os movimentos históricos que este presenciou, bem como o nível de seu envolvimento em cada um deles, ou seja, pessoas mais velhas tiveram a oportunidade de vivenciar fatos ocorridos com sua família, e de acordo com a faixa etária em que se enquadravam a cada ocasião, é possível supor seu nível de consciência (ou influência) em cada acontecimento.

Da mesma forma, são importantes as informações sobre a trajetória da família, para que se possa traçar o mapa de deslocamento dos informantes por um determinado território, sendo possível abstrair quais as influências locais que possa ter incorporado à sua rotina. Não menos importante, o trabalho e a representatividade social indicam qual o papel desse informante diante das relações de reciprocidade⁶ que se desenvolvem entre os membros de uma comunidade. Estas relações vivenciadas podem estabelecer quais foram as possíveis experiências vividas por aquele informante, e conseqüentemente, a quantidade e a qualidade de informações que tenha para oferecer.

A mobilidade dentro de uma mesma terra indígena era relativamente grande num passado não muito distante. Devido às limitações espaciais e de recursos já citadas, as famílias tendem a se agrupar numa mesma microrregião, em busca de melhores condições de

⁶ A reciprocidade, nas comunidades indígenas, é um termo utilizado para caracterizar as relacionamentos existentes entre os componentes do grupo. O objetivo dos estudos sobre a reciprocidade nas comunidades indígenas se concentram em determinar quem troca com quem e em quais circunstâncias.

representação e conseqüentemente, de sustento. Dessa forma, fez-se para este estudo, opção pela busca a “informantes raros”. Utilizando as orientações sobre ‘amostra intencional’, assim definida - [...] o pesquisador centra-se em grupos específicos, baseados na sua experiência ou conhecimento do universo [...] Albuquerque e Lacerda (2004:33).

As pessoas entrevistadas na aldeia Tei’ykuê, em Caarapó – MS estão relacionadas na tabela 1, onde são estabelecidas as relações de idade, local e tempo de moradia na referida terra indígena, condição familiar ou comunitária.

TABELA 1 – Informantes raros entrevistados na aldeia Tei’ykuê, Caarapó – MS.

Nome	Idade (anos)	Região onde reside na aldeia	Tampo de moradia na aldeia (anos)	Representatividade familiar ou social
Avelino Ramires	58	Jakairá	47	Colaborador do Viveiro Florestal há 9 anos. Denomina-se índio Kaiowá. Foi cacique e rezador. Detém grande conhecimento sobre os recursos naturais da região, bem como dos ritos da cultura tradicional.
Cláudia Martins	95	Mbocajá	15	Anciã. Viúva. Índia Guarani. Detentora de grande conhecimento sobre recursos vegetais e sua utilização tradicional. Acompanha a degradação sócio-ambiental da aldeia Tei’ykuê desde 1991.
Ângela Martins	56	Mbocajá	20	Filha da D. Cláudia. Guarani. Casada. Reside junto aos filhos, todos casados; auxilia o marido na roça e colabora na criação dos netos. Detentora de grande conhecimento sobre plantas medicinais (herbáceas, arbustivas e arbóreas). Também é usuária dos recursos naturais disponíveis no entorno de sua moradia.
Nome	Idade (anos)	Região onde reside na aldeia	Tampo de moradia na aldeia (anos)	Representatividade familiar ou social
Edmilson Campos	21	Mbocajá	21	Casado. Se preocupa em manter os ritos e ensinamentos tradicionais. Articulador da família para os assuntos entre índios e não-índios. Domina muito bem o guarani e o português.
Tereza Martins Fernandes	54	Mbocajá	24	Filha de D. Cláudia. Viúva. Seu esposo, Avelino Fernandes, foi um respeitado cacique e rezador da Tei’ykuê. Acompanhou o final do ciclo da erva-mate na área da Reserva de Caarapó. Recordar-se dos ervais próximos à sua moradia, de onde extraíam produto para o consumo próprio e comercialização do excedente.

Ito José Gonzáles	96	Jakairá	35	Ancião. Trabalhou nos ervais do sul do MS desde criança acompanhando o pai, inclusive para a Cia Matte Larangeiras. Acompanhou grande parte do ciclo da erva mate, inclusive na ocasião da visita do então Presidente da República Getúlio Vargas à área arrendada pela Cia.
Eva Ramona Fernandes	35	Jakairá	3	Casada. Indivíduo com grande representatividade no grupo de mulheres da aldeia Tey' ikuê. Participante ativa nas discussões realizadas com a comunidade. Detentora e usuária dos recursos vegetais disponíveis no entorno de sua moradia.

A abordagem para a coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas ou abertas, e a amostragem foi do tipo não-probabilística (ALENCAR e GOMES, 1998; ALBUQUERQUE e LACERDA, 2004). A amostra foi composta de informantes selecionados, por serem considerados pela comunidade como pessoas detentoras do conhecimento sobre o tema pesquisado. Assim os chamados “informante-raros ou chave” forneceram informações sobre fatos históricos, uso, plantio, e associações com a erva-mate. Não obstante, os mesmos informantes foram capazes de apontar encaminhamentos para o emprego da erva na geração de renda e conseqüente melhoria da qualidade de vida, que serão discutidos no Capítulo 4. Todos os diálogos nos encontros com os informantes foram gravados em fita K7, e posteriormente transcritos.

Norteando as entrevistas, algumas questões foram abordadas:

- Identificação do informante; localização de sua moradia (microrregião); tempo de moradia na aldeia Tey' ikuê, em Caarapó, MS.
- Condição e situação social do informante.
- As experiências vividas pelo informante com relação à erva mate: lembranças da época em que as erveiras nativas ainda existiam em abundância, trabalho nos ervais, histórias e lendas sobre a erva mate.
- As formas de uso da erva mate.
- Interações da *Ilex paraguariensis* com outras espécies do mesmo gênero e/ou com espécies de gêneros diferentes.
- Opinião do informante sobre a derrubada dos ervais nativos e sua análise dos efeitos dessa ação.
- Percepções do informante sobre a falta de disponibilidade de erva nativa, beneficiada pelos próprios índios.

- Contextualização da erva mate: perspectivas de recuperação das progênes nativas e os benefícios gerados ao meio ambiente e à comunidade indígena.
- Sugestões do informante para a utilização da erva mate na promoção do desenvolvimento local.

O levantamento de informações sobre o gênero *Ilex*, das etnoespécies desse mesmo gênero, ou associadas a ele, fizeram o foco deste estudo, que teve como base os depoimentos espontâneos e entrevistas com moradores da Reserva Indígena de Caarapó, MS.

De acordo com Albuquerque e Lacerda (2004:60), em uma pesquisa em etnobotânica, normalmente são envolvidos métodos botânicos, ou seja, são realizadas coletas, processamento e identificação de amostras do material vegetal citado pelos informantes. Outras técnicas de pesquisa em etnobotânica têm sido relatadas em recentes trabalhos científicos publicados nessa área, contudo, os informantes indígenas parecem não seguir a mesma lógica dos depoentes não-índios, fazendo das perguntas abertas, o meio mais eficiente para a obtenção de dados confiáveis.

Desse modo, buscou-se obter informações que subsidiassem uma análise da situação dos Kaiowá e Guarani contemporâneos. Os resultados desta análise contribuirão para o entendimento da representatividade da erva-mate no contexto cultural e no cotidiano da comunidade indígena.

O Capítulo 4 tem como base os relatos, a contextualização e as implicações do uso da erva-mate para a sustentabilidade interna e no processo de desenvolvimento local da Reserva Indígena de Caarapó.

CAPÍTULO 4

GENTE E MATO: A ERVA-MATE SOB A ÓTICA DOS KAIOWÁ E GUARANI

A fisionomia da vegetação nativa do Mato Grosso do Sul reflete em grande parte, características de cerrado. Na região sul, observa-se uma maior área de floresta semidecidual, encontrada descontinuamente desde o Paraguai e o rio Paraná até Sidrolândia, incluindo a Mata de Dourados (POTT, et al., 2003). Na década de 60, essa formação representava uma famosa fonte de erva-mate e peroba (KUHLMANN, 1960 apud POTT, 2003). Ver figura 1. A erva-mate (*Ilex paraguariensis*) dominava, então, a vegetação nativa da região onde está a Reserva Indígena de Caarapó, e a grande maioria das outras áreas Kaiowá e Guarani.

Em relatos anteriores, resultado de outras pesquisas, identifica-se uma profunda relação de dependência entre índios e a mata que extrapola os limites físicos, atingindo o sentimento da própria existência. Em depoimento, Avelino Ramires (Kaiowá), 59 anos, relata:

[...] aí tudo quando achava cedro assim, e não corta, cuida. Antigamente é assim. Erva também. Quando acha erva, não corta não, se vai cortar aí reza muito, aí pode corta [...].



A relação dos Kaiowá e Guarani com o sobrenatural é bastante evidente nas declarações. Outras falas mostram que os cuidados com as plantas vão muito além do respeito pelas espécies, mas prevêm a preservação da própria família do indivíduo, atribuindo-se os males sofridos à ira ou desafeto de uma planta. Nesse sentido, o sr. Avelino afirma:

[...] tem cedro, erva, angelim, o outro aquele ali é quando pessoa se planta assim se cuida. Assim se não planta, mas cuida, ele é tem alguma coisa, que qualquer coisa, qualquer filho dele tira e joga, aí vira qualquer coisa. Por isso é que antigamente rezava pra não acontecê nada. Isso pro cedro. Antigamente fala cedro. Ele cedro tem algum coisa pra se não cuida não reza, antigamente qualquer criança tem doença, já levou [...].

[...] não joga erva, se joga qualquer coisa família dele pode acontecer [...].

[...] antigamente tira aquele não joga quando toma chimarrão qualquer lugar, coloca ali, se joga assim, vira pulga (se referindo à figura da *Ilex cerasifolia*, foto mostrada a partir do livro Árvores Brasileiras, de H. Lorenzi, vol. 2, p. 49) [...].

O prefixo “etno” (etos) refere-se àquilo relativo ou pertencente a um povo, mais propriamente ao “espírito” que anima uma coletividade, e que marca suas realizações ou manifestações culturais. Diante do exposto, a erva-mate configura um elemento-chave na cultura dos Kaiowá e Guarani, assumindo inclusive o papel de veículo para a administração de outros fitoterápicos utilizados. Vários relatos sinalizam a variedade de plantas adicionadas ao “tereré” ou ao “mate” para fins medicinais:

[...] que eu sei é a lixa, banana-de-macaco, né, então esse remédio q é muito bom pra pressão alta, é muito bom também ele desincha, ele

faz circular bem o coração, parece q sai mais assim, folgado o fôlego, agora de erva-mate mais q eu sei é q é bom pro útero da gente é cedro, é sálvia, é muito bom sálvia também pra é... toda doença q a gente tem assim, inflamação no útero [...] erva Santa Maria, é muito bom aquele lá pra... principalmente sobre inflamação, nem tanto assim pra dor de barriga [...] aquele remédio q eu sei em guarani, em português eu num sei o nome dele, chama assim **robueravidjuva**, aquele é muito bom pra menstruação, regula a menstruação, são tudo isso remédios casero que eu sei [...] **acatoce**, também ele falam em guarani também **açafior** [...] O cuncun pra você tomá, é bom pra diabete, pa colesterol, muito bom cuncun. [...] com tereré... cuncun é muito bom com tereré [...] é **apoe'eva** (apoe'ena). Aquele remédio é muito bom pra você toma no tereré quando você tivé assim é... menstruada né. Ele é muito bom, ele tira a dor, ele faz regular, vem regularmente, as vez você faz coisa e vem mais né, então esse remédio é muito bom. Então esse você pode toma no tereré, no mate, esse você pode toma (Eva R. Fenandes, 35 anos).

[...] Tudo que é remédio toma mais no mate, não no tereré, mais com o mate (Edmilson Campos, 21).

Segundo os relatos, o uso de fitoterápicos está mais associado ao “mate”, bebida feita da infusão da erva-mate (*I. paraguariensis*) com água quente, sorvida principalmente de manhã bem cedo, e à noite quando a família se reunia. Nesses momentos, os mais velhos aproveitavam para contar as histórias do seu povo, transmitir os conhecimentos de seus ancestrais, dando sua contribuição para a continuidade da cultura.

A tomada do “tereré”, bebida feita da infusão da mesma erva com a água fria parece estar mais relacionada com os momentos de descanso a qualquer hora do dia. No preparo do macerado de material desidratado, de acordo com o sr. Avelino, primava-se pelo uso puro da *I. paraguariensis*, não se misturando outros materiais ou ervas, mesmo que só para aumentar o volume.

[...] índio antigamente, é, ele num misturava assim, mas misturava assim é o paraguaio. Antigamente ele puro erva, ele usava [...].

Também há a menção da utilização de outros tipos de erva, que supõe-se serem outras espécies do mesmo gênero. Contudo, realizou-se três excursões por trilhas nos fragmentos florestais da microrregião Jakairá, e nenhum exemplar das plantas referidas pelos informantes foi encontrado, mostrados na figura 2. Na microrregião Mbocajá, os próprios informantes relataram não haver mais nenhum exemplar das espécies utilizadas no passado.

[...] tinha 4 tipos de erva. Tinha. Tem essa aí (se referindo à *I. paraguariensis*, um exemplar que cresce dentro do viveiro de mudas) e tem outra também. Tem erva deste tamanho assim, folha dele é pequeninha aquele é erva também, erva antigamente chamava é... (não se lembrou)... aquele usava mais tereré, mate assim [...].

[...] tem ela é só (...) algum erva é folha dele. É desse tamanho assim, aquele parece um tereré, ô mate, parece igual (...) aqui tem pouquinho dessa erva. Acho ela tem na casa do meu pai pra lá tem, alguém tem. Sabe por que 4 tipos de erva? Porque antigamente usa 4 tipo erva, quando usava muito. Tem um chama “*ucajú*”, tem erva chama “*arvoreira*” [...] (Avelino Ramires).

[...] tem *Caá churi*, mas essa é uma erva que não é boa, não é natural. Legítimo mesmo é a erva mate. Tem dois tipos, uma da folha pequena e outra da folha grande [...] (Ito José Gonzáles, 96 anos).

[...] tem só um outro tipo de erva. Ela não faz muito bem [...] o nome em guarani é “*ijapoiré kaaamboroivirê*” [...] mas só tem uma casa que tem um pé (Edmilson Campos, 21 anos).



Estudos fitossociológicos indicam que as espécies se estabelecem melhor e em maior abundância em locais onde encontram condições favoráveis ao seu desenvolvimento. No relato do sr. Ito José são mencionados locais e outros “tipos” de ervas diversos. O sr. Avelino, também afirma que “os tipos de erva” variam conforme os locais onde eram encontradas, podendo sugerir que se trata de espécies diferentes.:

[...] essa tem (se referindo à *I. brevicuspis*, reconhecida na foto do livro Árvores Brasileiras, de H. Lorenzi), essa fazia mate. Tem aqui no mato, tem perto mata alta [...]. Perto d’água tem outro tipo. Algum erva só tem berada do corgo. Antigamente é bera do corgo. [...] tem que procurar [...].

[...] aqui nesta região tem mais aquela ali (se referindo à *I. paraguariensis*) e tem outra erva, não é muito grande não, chama “ucajú” não é muito grande, não tem muita folha assim [...] (Avelino Ramires).

[...] muitos misturam com muda de *caá*, e tem aquela erva que dá uma vara comprida e o povo mistura e no brejo tem também um tipo da erva mate que o povo fazia mistura, mas essa não tem paladar, ela prejudica a saúde. Porque, a erva pura é provado que, é o primeiro lugar para a saúde do corpo humano, é a erva mate [...] (Ito José).

Atualmente, a maioria dos moradores da Reserva Indígena obtém erva (*I. paraguariensis*) para seu tereré ou chimarrão no comércio municipal de Caarapó, contudo, alguns pés de erva-mate resistiram à fragmentação florestal, porém encontra-se em fase de desenvolvimento como mostrado na figura 3. Algumas famílias fizeram pequenos plantios de

erva-mate, dos quais já retiram materiais para consumo, contudo as árvores ainda se encontram em fase de desenvolvimento.

[...] meu falecido marido quando nós vimo, aqui tem muito erva, [...] até meu marido faz o carrijo aqui e aquele pra secar a erva... o barbaquá. (Tereza M. Fernandes, 54 anos).

Não obstante, o conhecimento das técnicas tradicionais de preparo da erva mate para o consumo parece estar centrado nos mais velhos.

[...] meu pai tira do mato até hoje, sabe por que ele num... Antigamente num é plantada [...] (Avelino Ramires).

[...] vai de três a quatro metros de altura, deixando crescer, não cortando. Porque ela cresce, dá uma árvore grande. No mato mesmo, a nativa dá cinco, seis metros de altura. Mas esse não é permitido lavar, porque tem que se deixar encorpar para poder você cortar. Porque a erva para ser boa, para tem bom sabor tem que cortar e sapecar na labareda de fogo com a mão, sem a *tambora*. Na *tambora* precisa ter prática para poder sapecar bem. Não tendo prática queima, porque ela para pegar fogo é de repente [...] (Ito José).

**a****b**

Figura 3 – Indivíduos de *I. paraguariensis* nos fragmentos florestais da

Com o término da concessão da Cia Matte Larangeiras para a exploração dos ervais nativos, alguns proprietários de terras continuaram a cultivar a espécie. Relatos afirmam haver diferenças no sabor entre folhas amadurecidas ao sol e folhas amadurecidas na sombra. Para o sr. Ito José não há diferença de paladar entre a erva nativa e a cultivada:

[...] ele tem o sabor e a qualidade da erva. Tem uma folha mais moída, aquela tem outro paladar. Tem no mato, aquela do mato, uma erva da folha grande, bem verde escura aquela é mais forte. [...] tem uma erva do campo de folha moída, nativa aquela é mais saborosa. A do mato, das folhas grandes é a mais forte, mais amarga. A mais gostosa é a do campo, a das folhas moídas. A de folhas grande depende muito de como é estacionada para ficar boa [...] (Ito José).

Quando se relata a preferência pelo paladar, os motivos são mais profundos do que apenas o sabor. Todo um modo de fazer, ser e ver o mundo à sua volta está relacionado com essa planta cujo uso se fixou como uma forte marca cultural que persiste ao longo do tempo. Nesse sentido, quando argüido sobre sua preferência, Edmilson Campos afirma:

[...] mas tem que saber fazer, saber sapear e quebrar, senão não fica boa. [...] a erva da cidade é mais fraca, é passada na máquina... é assim, misturada, só usa raminho e folha. Aqui não, a gente colhe e sapeca a erva e mistura tudo junto. Não sai nem o cheiro nem o gosto da erva. A da cidade não, já é passada lá na máquina, mistura alguma coisa lá e fica sem graça.

Outro ponto a ser abordado, refere-se aos sistemas de plantio. No pretérito, a espécie era abundante, mas as moradias não eram feitas perto das árvores de erva-mate (ver figura 4). Mais uma vez, nota-se uma forte relação com o sobrenatural, associando à erva ou seus efeitos, algum mal que viesse a acontecer às crianças.

[...] não usa assim (plantada). Não perto de casa, porque criança pega folha qualquer folha. Antigamente ele não pode pegá... criança folha da erva, e nem tomá tereré no meio de criança. Se tomá no meio da criança, assim erva, a hora que criança pegá doença, ele morre. Meu filho tava criança assim, a hora que ele levanta assim, ele foi embora. Aí quando amanheceu... onde foi meu filho? Aí procuro, procuro, eu vi ele lá no mato, aí ele falô pra mim... veio pessoa e falô - Vamo comigo. Ele foi dormindo. Ele tem que tomar com 18, 19 ano, hoje criança toma, joga em qualquer lugar [...].



Figura 4 – Local onde o Sr. Avelino Ramires se estabeleceu com sua família. Nota-se que no entorno das construções só são encontradas espécies frutíferas, adultas e em desenvolvimento. Em outras moradias, foram observadas espécies não frutíferas, contudo nenhuma árvore de erva-mate (Foto: Adriana Zanirato Contini).

Outra manifestação do sobrenatural é relatada pelo Sr. Ito José, que afirma haver uma “dona da erva”, a quem se deve respeito e rezas pela planta. Essa ‘santa’ teria apresentado um jovem e valente índio com uma árvore de erva-mate, recomendando cuidado e proteção à planta ‘milagrosa’.

[...] a santa que foi achada no pé da erva é a Nossa Senhora La Virgem *Caacupê*, é a Nossa Senhora da erva. É a padroeira do Paraguai. Então o mineiro estava cortando a erva, ia arrodando a erva e viu uma moça bonita no pé da erva. Tem um livro aí que conta. Ela disse para ele assim, que não devia cortar aquele, porque era milagroso [...] ela é a dona da erva-mate, a Nossa Senhora de *Caacupê*. É a Nossa Senhora de Assunção, é a padroeira de Assunção [...].

A cultura, segundo Laraia (2002), é um ciclo de uso e desuso, leitura e releitura, numa constante de valorização e desvalorização dos elementos, ora culturais, ora não, daí a sua dinamicidade. A hibridação da cultura Kaiowá e Guarani, a partir da interação com a cultura ocidental, alterou as formas tradicionais de agir sobre seu ambiente.

Segundo Diegues (1996), para as populações autóctones é incompreensível que suas atividades tradicionais efetivas ou entendidas como tal, principalmente aquelas vinculadas à agricultura de subsistência ou extrativismo, causem algum dano ao ambiente. Contudo, hábitos ocidentais de uma agricultura extensiva e pouco comprometida com o futuro ambiental, foram absorvidos pela comunidade indígena.

Os Kaiowá e Guarani contemporâneos têm consciência dos motivos da degradação ambiental e cultural em que vivem. Nesse sentido, a Sra. Tereza M. Fernandes afirma:

[...] quando ficô meu marido reza aqui. Ele reza pra criança, pra plantadô plantá. Quando ficou meu marido faleceu, o índio reza, acabô [...] Quando o marido era vivo, tudo reza. A nação Kaiowá⁷ tudo reza... agora acabô. Índio não tem aqui mais não.

[...] acho que não tem mais erva aqui... não sei... acho que derrubaro né. Cortaro um pôco, e não soube cuidar, que ela (a erva) sempre tem que cortar de um tipo que não morre, não seca [...] (Edmilson Campos).

⁷ Tereza se denomina índia guarani, e nesse relato parece lamentar tanto pelos Guarani quanto pelos Kaiowá. Para fim de melhor compreender, os Guarani contemporâneos são divididos em três subgrupos: os Ñandeva/Chiripá, os Mbyá e os Kaiowá que, no Paraguai, se autodenominam Pai-Tavyterã. Na região da Grande Dourados encontra-se grupos familiares Ñandeva/Chiripá, especialmente nas Reservas de Porto Lindo e Pirajuy e na aldeia de Cerrito. A presença de famílias desse subgrupo em praticamente todas as demais reservas onde predominam os Kaiowá. Os Ñandeva/Chiripá, no Brasil, são os únicos que se autodenominam Guarani (BRAND, 2001:93).

Os efeitos da implantação das fazendas e o emprego de extensas áreas na agricultura e na pecuária substituíram grande parte da vegetação nativa do sul do Estado, incluindo o município de Caarapó. As Florestas Estacionais e Savanas foram fragmentadas, restando apenas pequenos remanescentes. O conceito ecológico de Floresta Estacional está relacionado ao fato de serem observadas duas estações climáticas bem definidas, uma tropical, com época de intensas chuvas de verão seguidas por estiagens acentuadas, e outra subtropical sem período seco, mas com seca fisiológica provocada pelo intenso frio de inverno, com temperaturas médias inferiores a 15°C (RAVEN, et al., 1992). Esta característica da vegetação, associada à entrada de gramíneas exóticas – colônias e braquiária - tornou o ambiente mais vulnerável às queimadas, o que agravou a qualidade ambiental (Figuras 5 e 6).

[...] Outro pôco é fogo né. O que acabou com esse mato foi o fogo. Meu tio conta que já trabalhou no mate, mas agora viu tudo acabar por causa do fogo (Edmilson Campos, 21).

Sempre o capitão passô falando que não era pra fazê fogo. Passou, e de tarde já algum fez fogo. Agora, acabô tudo. Só isso (Tereza M. Fernandes).

[...] a erva dava no mato e sem mato também fica sem erva [...] sem erva fica tudo assim, fica muito calor (Ângela Martins Campos).



Figura 5 – Vista da região Saverá, mostrando intensidade do avanço das gramíneas exóticas (Foto: Adriana Z. Contini).



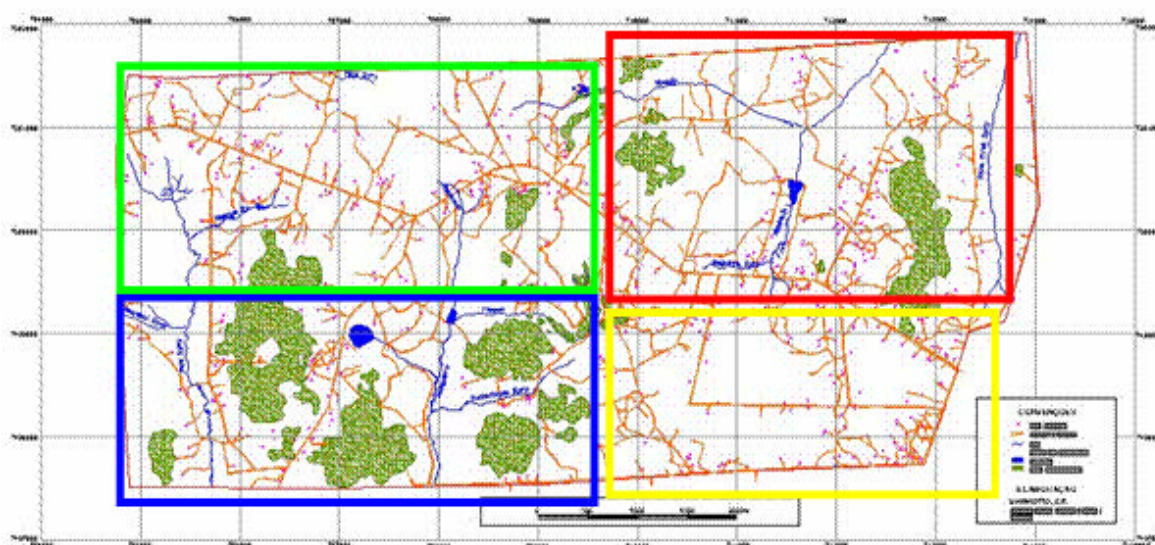
Figura 6 – Queimada provocada por fator desconhecido. Nesta ocasião, em março de 2005, perdeu-se uma área considerável de fragmento em regeneração natural da microrregião Jakairá (Foto: Adriana Z. Contini).

Quando questionados se a volta
costumes, as respostas foram:

Não, sabe por quê? Antigamente cuida muito da erva, cuida mesmo, rezava muito, e essa erva aqui (não) cuida muito [...] (Avelino Ramires, 56).

[...] antigamente até pra cortar uma árvore a gente tinha que pedir... pra colher, pra plantar... Agora, quase não tem respeito aqui... [...] (Edmilson Campos, 21).

A cobertura vegetal natural na região do município de Caarapó era composta por porções das fitofisionomias: Floresta Estacional Semidecidual, Savana Arborizada, Floresta Estacional, predominando, formação de Cerrado, e Floresta Aluvial ao longo dos cursos d'água. Essas formações compõem-se por árvores de médio porte, e por grande variedade de espécies componentes da faixa de sub-bosque, responsáveis pela recolonização das áreas com pastagens, sob a forma de regeneração natural.



- | | |
|---|--|
| — Microrregião Mbocajá | — Microrregião Jakairá |
| — Microrregião Missão | — Microrregião Saverá |

Mapa 4 – Localização das microrregiões na Reserva Indígena de Caarapó, MS. Situação da vegetação O mapa 4 mostra a situação da vegetação 2003 da Reserva Indígena em 2003. C.R. - Programa Kaiowá/Guarani - UCDB, 2004).
Pela ocupação, observa-se a maneira como os moradores subdividem a área em microrregiões. Aparentemente, os Guarani ocupam as microrregiões Mbocajá e Missões; os

Kaiowá habitam Saverá e Jakairá. Essa distribuição parece influenciar as expectativas com relação ao retorno da vegetação.

Num passado não muito distante, os ervais nativos resistiam às derrubadas e às queimadas cada vez mais freqüentes, mantendo aspectos importantes da cultura indígena. Todo o processamento da erva era feito pela família, que sorvia a bebida em volta dos “fogos familiares”, onde fatos da história e do cotidiano eram compartilhados e informações eram trocadas. Todo um contexto era mantido dessa forma.

[...] meu marido nunca compra erva na cidade [...] aqui tinha muito erva, aí depois nós faz e vende na cidade de Caarapó também. Tem que comprar na cidade pra tomar chimarrão. Aqui não tem mais (Tereza M. Fernandes).

A comunidade de Caarapó tem se conscientizado sobre os problemas que enfrentam, compreendendo os processos vividos que os levaram à situação atual. Na reversão dessa situação, para uma condição que proporcione melhor qualidade de vida, a escola indígena foi apontada como elemento-chave. De acordo com as afirmações de Edmilson Campos, as crianças de sua família têm aprendido com os professores sobre o mato e sobre as coisas da cultura.

[...] eu acabei de falar com ele aqui (se referindo a um primo com idade de 8 anos), que tipo de árvore [tem] ... ele falou que professor passa [...] ele fala que o professor dele passa pra ele esse tipo de árvore.

[...] ensina porque a árvore tá acabando agora, por isso tem que ensina, né. A árvore é boa pra fazê fogo [...] e... quando for fazê a casa quero faze de pau... sei qual usá para fazê casa. Agora tem que faze de calipio (eucalipto) porque não tem mais, né? Agora tem que plantá mato (Tereza M. Fernandes).

Parceira da comunidade, a Universidade Católica Dom Bosco, em conjunto com o poder público municipal, estadual e federal, desenvolve projetos de extensão através do seu corpo de pesquisadores, que buscam colaborar com o processo de desenvolvimento. Entre as

ações, está em funcionamento o viveiro florestal de plantas nativas, com capacidade de produzir 750.000 mudas/ano, atendendo a demanda da comunidade (Figura 7).



Figura 7 – Viveiro Florestal da aldeia Tey'ikuê, Caarapó, MS. Em primeiro plano Graciano Martins e atrás Edvaldo M. Laranjeira. Guarani e Kaiowá, respectivamente, os dois são colaboradores do viveiro e dos demais projetos para o desenvolvimento da Reserva Indígena (Foto: Flávio L. H. Rego).

Algumas áreas da Reserva Indígena foram utilizadas para a plantação de eucalipto (*Eucalyptus* sp.) que apresenta grande velocidade de crescimento – 4 a 7 anos – e durabilidade relativamente boa, como alternativa para atender a demanda de madeira para a construção de moradias (Figura 8).



Quando a questão sobre quais seriam as alternativas que a comunidade apontaria para que os problemas pudessem ser atenuados, as respostas variaram:

[...] pra mudar... melhorar... eu não sei (Tereza M. Fernandes).

[...] tem que plantá mato de novo... mas não volta mais não. Não, como era não volta mais (Avelino Ramires).

[...] pra mudar a gente tem que se reunir e fazer um tipo de viveiro. Viveiro a gente fala pra replantar a erva [...] tem muitas pessoas da comunidade que tem interesse nisso (Edmilson Campos).

Fato é que existe na aldeia Tey'ikuê, um viveiro, nesses moldes, instalado há alguns anos. As mudas de espécies nativas ali produzidas atendem particularmente as famílias, bem como os programas de reflorestamento desenvolvidos pela comunidade e pelo grupo de pesquisadores do Programa Kaiowá e Guarani (Figura 9).



Paralelamente, acompanha-se o projeto que analisa a variabilidade genética dentro de progênes nativas de erva-mate (*I. paraguariensis*). Esse tipo de pesquisa pode demonstrar se os indivíduos nativos, remanescentes da espécie, contenham variabilidade genética suficiente para compor programas de reflorestamento das áreas degradadas no interior da Reserva, inclusive sob a forma de Sistemas Agroflorestais (SAF's) cujos moldes se assemelham às práticas indígenas (Figura 10).

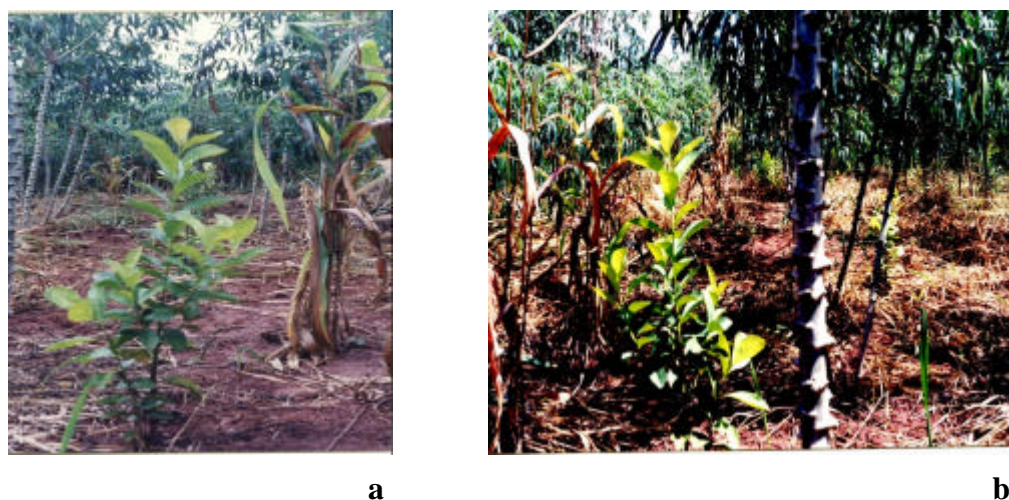


Figura 10 – *Ilex paraguariensis* cultivada para a avaliação da variabilidade genética dentro de progênes nativas. Experimento estabelecido na Reserva Indígena de Caarapó, MS. (a) em consórcio com milho; (b) consorciada com mandioca (Fotos: Orlando Zimmer).

A figura 11 representa bem a expectativa da comunidade, reflexo de toda uma “nação” como se referiu a Sra. Tereza M. Fernandes. Tanto homens quanto os elementos da natureza buscam viver harmoniosamente, servindo-se mutuamente.



Figura 11 – O índio Edvaldo M. Laranjeira, colaborador do viveiro de mudas, e dos projetos de recuperação ambiental desenvolvidos pelo Programa Kaiowá/Guarani, em Caarapó, MS (Foto: Adriana Z. Contini).

De acordo com os relatos analisados, o replantio dos ervais, mesmo com progênes nativas, não é um fator que garantirá a retomada dos costumes, ritos e a valorização dos elementos culturais tal como eram. Contudo, certamente subsidiará meios para uma nova contextualização de verdades e interações do mundo real com o sobrenatural, como são entendidas pelos Kaiowá e Guarani, proporcionando mais qualidade à vida dessas comunidades, tal como a concebem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância dos conhecimentos tradicionais para a recuperação dos recursos vegetais na área da Reserva Indígena, com ênfase na manutenção e ampliação do cultivo da erva-mate, subsidiarão as ações de práticas relacionadas à espécie pelos Kaiowá e Guarani. Neste contexto, a reposição dos recursos ambientais está diretamente ligada à contribuição que deve ser realizada para o bem-estar e sustentabilidade interna dessas comunidades, contribuindo com as condições necessárias para a viabilização da organização e convívio social.

O processo de fragmentação florestal pelo qual passa toda a região, contribuiu para a diminuição dos ervais, e pelo conseqüente comprometimento dos demais recursos naturais.

A estreita relação entre o cotidiano indígena e a natureza, sugere que a própria cultura desses povos esteja passando por um processo de adequação; elementos culturais, já escassos são gradativamente substituídos por outros, refazendo todo um contexto. Em função disso, muitos dos valores do passado não são os mesmos do presente, a demanda social excede a capacidade de oferta ambiental, a qualidade de vida diminui e as expectativas não são atendidas.

O processo para reverter esse cenário requer a discussão de aspectos relevantes como a recuperação de novas áreas, onde a erva-mate faça parte das espécies utilizadas no reflorestamento, o fortalecimento junto à própria comunidade sobre a importância da transmissão do conhecimento tradicional para a manutenção da identidade cultural e, a utilização da erva como recurso natural, empregada para promover a geração de renda nas comunidades Kaiowá e Guarani.

A Reserva Indígena de Caarapó é subdividida em microrregiões pela própria comunidade. As microrregiões Jakairá e Mbocajá, contêm a maior parte dos fragmentos florestais de vegetação nativa remanescente, tendo sido as selecionadas para a realização desta sondagem.

Os relatos analisados mostram concepções de natureza e sobrenatureza bastante parecidas. Contudo um ponto que sobressai é a forma como as expectativas divergem.

Se forem agrupadas as falas em dois grupos: um com o Avelino Ramires e o Ito José Gonzáles, ambos moradores da microrregião Jakairá, e o outro com os integrantes da família Martins incluindo o Edmilson Campos, da mesma família, moradores da microrregião Mbocajá, poderão ser observados relatos diferentes sobre a qualidade da vegetação remanescente, bem como diferem as opiniões sobre possibilidades de sucesso da recuperação ambiental, principalmente na forma de regeneração natural.

Contudo, as perspectivas para um futuro a médio prazo, voltam a coincidir quando são citadas as necessidades de se adotar ações do tipo plantio e tratos culturais de espécies arbóreas, como a erva-mate, apesar dessas práticas se relacionarem muito mais com a cultura ocidental. Interessante ressaltar, que apesar de terem sido referenciadas outras espécies do gênero *Ilex*, em nenhum momento, e por nenhum dos dois grupos foi cogitada a necessidade de recuperação dessas espécies como fator relevante à restauração ambiental ou cultural.

Na continuidade do referido estudo, espera-se agrupar outros dados que continuem subsidiando discussões mais aprofundadas sobre o papel da erva-mate, das etnoespécies do mesmo gênero ou de outros correlatos, nas ações de recuperação ambiental, produção de alimento, remédios e geração de renda, como elementos coadjuvantes do processo de desenvolvimento local na Reserva Indígena de Caarapó, MS.

A comunidade tem sentido que o conhecimento tradicional corre risco de se perder entre uma geração e outra. Nesse sentido, algumas ações têm sido colocadas em prática a fim de suprir a carência dos **elementos naturais** essenciais à sobrevivência, transformando-os novamente em **recursos** que satisfaçam suas necessidades próprias. Além da articulação com poderes públicos nos programas para a geração de alimentos, melhoria do saneamento básico e distribuição de água potável, os Kaiowá e Guarani de Caarapó especialmente, contam com o apoio do Programa Kaiowá e Guarani, vinculado à Universidade Católica Dom Bosco.

Entre as atividades desenvolvidas em parceria com a comunidade, o Programa Kaiowá/Guarani, mantém com o apoio de outros agentes financiadores, a administração do viveiro florestal e o programa que avalia a variabilidade genética dentro de progênies nativas de erva-mate. Este último é outro projeto de pesquisa aplicada estabelecido há 5 anos, e ambas as atividades têm exercido papel fundamental no apoio ao processo de desenvolvimento local. Servindo a comunidade, enquanto o viveiro atende a demanda por mudas de espécies nativas, o programa de pesquisa prima por disponibilizar, num futuro próximo, progênies de plantas com maior potencial genético. As mudas de erva-mate são acompanhadas também em sistemas de consórcio com outras cultivares anuais, como o milho e a mandioca. Os dados obtidos têm mostrado que é possível associar o conhecimento

tradicional indígena às técnicas de cultivo ocidentais, proporcionando a otimização dos resultados.

Da mesma forma, encontram-se em andamento outros experimentos como e de espécies utilizadas para a confecção de cabos para ferramentas.

A Escola Indígena também ocupa papel fundamental no desenvolvimento da comunidade, trabalhando com currículo diferenciado, adaptado à realidade e às necessidades locais.

A exemplo da escola, outros segmentos da sociedade se organizaram. Atualmente, nas reuniões realizadas, cada microrregião parece contar com um grupo de chefes de família dispostos a representá-los; as mulheres e os jovens também têm sua representação, de modo que toda a comunidade participa das decisões que são tomadas.

O ponto fundamental é entender o modo como a comunidade indígena concebe o desenvolvimento local, um processo sistematizado segundo a lógica e o modo de pensar dos não-índios. Esse é mais um grande desafio a ser superado com os objetivos de preservar as condições para uma sobrevivência digna melhorando a qualidade de vida, aumentando gradativamente a representatividade, primando pela autogestão e sustentabilidade dos Kaiowá e Guarani.

“Gente e mato na luta pela vida.”

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. de. **Introdução à etnobotânica**. Recife: Bagaço. 2002.
- ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de. (org.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Editora Livro Rápido. 2004.
- ALENCAR, E.; GOMES, M. A. O. **Metodologia de pesquisa social e diagnóstico rápido participativo**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1998.
- ARRÓSPIDE, J. L. R. **Antonio Ruiz de Montoya y las reducciones del Paraguay. Assunción, Paraguay**: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”. 1977.
- AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul**. Trad. Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo. 1980.
- ÁVILA, V. F. de. Cultura, desenvolvimento local, solidariedade e educação. In: **I Colóquio internacional de desenvolvimento local**. Campo Grande: UCDB, 2003. Disponível em: <<http://www.ucdb.br/mdl/coloquio/...>> Acesso em: 15 mai. 2004, 21:30.
- BENATTI, L. A. C. **O conhecimento tradicional dos Kaiowá e Guarani e o reflexo do etnodesenvolvimento na Reserva Indígena de Caarapó, MS**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local). Campo Grande: UCDB. 2004.

BRAND, A. J. O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra. Tese (Doutorado em História) – Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1997.

_____, A. J. “Quando chegou esses que são nossos contrários” – a ocupação espacial e o processo de confinamento dos Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul. In **Multitemas**. n. 12, novembro de 1998. Campo Grande: UCDB. 1998.

_____, A. J. Desenvolvimento local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul: a construção de alternativas. **Interações** – Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 1, N. 2. Campo Grande: UCDB. p. 59-68. Mar. 2001a.

_____, A. J. Os Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul e o processo de confinamento – a “entrada de nossos contrários”. In: **Conflitos de direitos sobre as terras Guarani Kaiowá no Estado do Mato Grosso do Sul**. CIMI (org.). São Paulo: Palas Athenas, 2001b. p. 93 – 131.

_____, A. J. Biodiversidade, sócio-diversidade e desenvolvimento: os Kaiowá e Guarani no Estado de Mato Grosso do Sul. In: **Fragmentação florestal e alternativas de desenvolvimento rural na região Centro-Oeste**. COSTA, R. B. (Org.). Campo Grande: UCDB, 2003. p. 175-204.

BUARQUE, S. C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**: material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal. Brasília, DF: Instituto Nacional de Cooperação para a agricultura – IICA, junho de 1999.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. DIEGUES, A. C. (Org.). São Paulo: Ed. Hucitec. 2000. p. 165-182.

COLCHESTER, M. Resgatando a natureza: comunidades tradicionais e áreas protegidas. In: **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. DIEGUES, A. C. (Org.). São Paulo: Ed. Hucitec. 2000. p. 225-256.

COSTA, R. B. da. A fragmentação florestal e os recursos genéticos. In: **Fragmentação florestal e alternativas de desenvolvimento rural na região Centro-Oeste**. COSTA, R. B. da (Org.). Campo Grande: UCDB. 2003.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Editora Hucitec. 1996.

DURSTON, J. **Constuyendo capital social comunitario**. Revista de La Cepal. N. 69. Chile. p. 103-118. Diciembre. 1999.

ELIZALDE, A. **Desarrollo a escala humana**: conceptos y experiencias. *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Campo Grande: UCDB. Vol. 1, N. 1, Set. 2000.

FONSECA, M. C. L. **Para além da pedra e cal**: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

KLIKSBERG, B. **Capital social y cultura, claves esenciales del desarrollo**. Revista de La Cepal. N. 69. Chile. p. 85-102. Diciembre. 1999.

LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 15 ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 2002.

Le BOURLEGAT, C. Ordem local como força interna de desenvolvimento. *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Campo Grande: UCDB. Vol. 1, N. . p. 13-20. Set. 2000.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Vol. 1. 4 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002.

LUGON, C. **A república “comunista” cristã dos Guaranis**: 1610-1768. Trad. Álvaro Cabral. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.

MAEDER, E. J. A.; GUTIERREZ, R. **Atlas histórico del nordeste argentino**. Resistencia, Chaco, Argentina: Conicet-Fundanord. 1995.

MARTINS, S. R. O. Desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas. **Interações** - Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande: UCDB. vol. 3, n. 5, p. 51-59, set. 2002

MELIÁ, B; GRUNBERG, G; GRUNBERG, F. **Los pãï-taviterã- etnografia guarani del Paraguay contemporáneo**. Assunção: Centro de estudos antropológicos- Universidade Católica 'N.S. de la Asunción', 1976

MONTEIRO, M. E. B. **Levantamento histórico sobre os índios guarani kaiwá**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2003.

POTT, A.; POTT, V. J.; Espécies de Fragmentos Florestais em Mato Grosso do Sul. **In: Fragmentação Florestal e alternativas de Desenvolvimento rural na região Centro-Oeste**. Costa, Reginaldo Brito da (org). Campo Grande: UCDB, 2003, p. 26-52.

PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. **Biologia da conservação**. Londrina: E. Rodrigues. 2001.

RAVEN, P. H., et al. **Biologia Vegetal**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1992.

RICCO, R.A.; GURNI W.A.A. Estudio comparativo de flavonoides en especies austrosudamericanas del genero *Ilex*. In: WINGE, H.; FERREIRA, A.G.; MARIATH, J.E. de A.; TARASCONI, L.C., Org. **Erva-mate: biologia e cultura no cone sul**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1995. p. 243-249

RESENDE, M. D. V. de; MAURO, R. de A. Genética de populações e conservação de animais silvestres. In: **Fragmentação Florestal e alternativas de Desenvolvimento rural na região Centro-Oeste**. COSTA, R. B. (Org.). Campo Grande: UCDB, 2003. p. 75-112.

ROUÉ, Marie. Novas perspectivas em etnoecologia: “saberes tradicionais” e gestão dos recursos naturais. In: **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. DIEGUES, A. C. (Org.). São Paulo: Ed. Hucitec. 2000.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. de Leonam de Azeredo Penna. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

SCHERER, R.A. **Early selection of yerba mate** (*Ilex paraguariensis* St. Hil.) In: Argentina. Bonn: Rheinischen Friedrich-Wilhelms-Universität, 1997. 58p.

SEREJO, H. Mato Grosso do Sul – História. In: **O ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande – MS: Instituto Euvaldo Lodi. 1986.

STURION, J.A.; RESENDE, M.D.V. de. Programa de melhoramento genético da erva-mate no Centro Nacional de Pesquisa de Florestas da Embrapa. In: I CONGRESSO SUL AMERICANO DA ERVA-MATE. II REUNIÃO TÉCNICA DO CONE SUL SOBRE A CULTURA DA ERVA-MATE, 2., 1997, Curitiba. **Anais...Colombo**. EMBRAPA-CNPQ, 1997. 467p. (EMBRAPA-CNPQ, Documentos, 33).

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**: um estudo sobre o terror e a cura. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1993.

VIETTA, K. **Sem nossa cultura somos bichos: subsídios para uma reflexão a respeito da interpretação cosmológica kaiowá sobre os suicídios**. Comunicação apresentada no XX ABA, Salvador, abr.1996.